



+

Educação e Mediação Cultural: (im)possibilidades de um Serviço Educativo numa Cooperativa de Ação Cultural

Mariline Reis

Relatório de estágio apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau Mestre em
Ciências da Educação, sob orientação do Professor Doutor Paulo Nogueira

Porto

2016

RESUMO

Este relatório resulta de uma descrição e reflexão sobre o percurso de estágio desenvolvido no Mestrado em Ciências da Educação.

O estágio foi desenvolvido numa instituição, denominada “Nascente”, situada na cidade de Espinho que tem como principais objetivos a promoção e divulgação cultural na cidade.

Pretende-se não só dar a conhecer o modo de funcionamento desta instituição e as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio, mas também refletir sobre as principais problemáticas encontradas neste contexto.

Como irei refletir ao longo deste trabalho, o campo educativo é um leque de oportunidades e pretendo demonstrar de que forma um profissional de Ciências da Educação assume o seu papel como mediador cultural.

O motivo que me levou a incidir sobre a Arte e Cultura foi o meu gosto crescente por estas áreas de ação e por pretender exercer profissão na área.

ABSTRACT

This dissertation results from a description and reflection on the path of the internship developed in the Master of Education Sciences.

The internship was developed in an institution, called "Nascente", in Espinho which has as main objectives the promotion and dissemination of culture in the city.

It is intended not only to let know the operation method and the activities developed in this internship, as well as reflecting over the main issues found in this context.

As I will reflect throughout this work, the education field is a range of opportunities and I intend to show how a professional of Education takes its role as a cultural mediator.

The reason that led me to focus on art and culture was my taste growing in these areas of action and the fact that i want to pursue a profession in the area.

RESUMÉ

Ce travail c'est le résultat d'une description et aussi d'une réflexion sur le parcours développé dans le Maitrise en Science de l'éducation.

L'étape a été développé dans une institution, appelée "Nascente", dans la ville de Espinho qui a comme objectifs principaux la promotion et la diffusion de la culture dans la ville.

Il est destiné non seulement à faire connaître le mode de fonctionnement de l'institution et les activités menées dans le cadre de la scène, mais reflètent aussi sur les principaux problèmes rencontrés dans ce contexte.

Comme je vais réfléchir tout au long de ce travail, le domaine de l'éducation est une gamme de possibilités et de l'intention de démontrer comment un professionnel de l'éducation prend son rôle de médiateur culturel.

La raison qui m'a conduit à mettre l'accent sur l'art et la culture était mon goût croissant pour ces domaines d'action et a l'intention d'exercer la profession dans la région.

AGRADECIMENTOS

Esta parte é escrita em forma de agradecimento a todos aqueles que me apoiaram e não me deixaram desistir neste percurso que contribuiu para o meu desenvolvimento profissional, social, mas sobretudo pessoal.

Início esta parte agradecendo a toda a minha família, mas principalmente à minha mãe, que durante toda a sua vida se esforçou de forma indescritível para que eu tivesse oportunidade e força de hoje lutar pelos meus sonhos.

À minha irmã, que sempre teve um sorriso de força para me confortar nos momentos mais difíceis e que é a alegria da família!

Aos meus avós, que tanto me apoiaram e que tanto significam para mim.

Ao meu pai adotado com todo o carinho, Orlando, que teve um papel muito importante no meu crescimento enquanto pessoa e me influenciou a tomar a decisão de avançar na minha formação académica!

À minha tia e prima que acreditaram em mim!

A todas as minhas amigas, que me aturam desde sempre, Mafalda, Daniela, Sofia, Inês Reis, Inês Teixeira!

Aos meus irmãos de coração, Milton, Davi, Jessé, Osvaldo, que são pessoas excecionais e que guardarei para sempre comigo!

À minha colega de faculdade e amiga Vilma, que me acompanha desde a licenciatura, que me ajudou em todo o meu percurso e que tal como eu, se apaixonou pela área da cultura!

Ao Pastor José, Pastora Aurení e a todos aqueles que me guardam nas suas orações!

Ao Zeca e ao Ricardo por serem os amigos que são!

Ao Pedro, que tem sido incansável comigo, o meu maior presente.

Também não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Nogueira, que sempre me apoiou e orientou, de forma a que eu não desistisse.

Agradeço também à Nascente e a todos os amigos que ganhei e que diariamente me apoiavam.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuem para fazer a diferença num mundo tão indiferente.

LISTA DE ABREVIATURAS

PAE – Plano de Ação Educativo

SE – Serviço Educativo

ÍNDICE

Introdução.....	7
I. Educação e Mediação Cultural.....	9
O início.....	9
A Nascente enquanto associação cultural e educativa.....	11
“Nós evoluíamos fazendo, queríamos fazer, simplesmente fazíamos”	14
Uma fonte de transmissão de Educação Artística.....	16
Génese dos Serviços Educativos.....	18
(Im)possibilidades de um serviço educativo na Nascente.....	20
Um possível olhar sobre a mediação.....	25
II. Percurso na Instituição.....	29
Construção do meu lugar na Nascente.....	29
As minhas preocupações pelo desenvolvimento de uma ação educativa.....	34
III. Problemática do Percurso Vivido.....	37
Democratização Cultural vs. Democracia Cultural.....	37
Democratização Cultural.....	39
Formação de públicos na Nascente.....	42
IV. Considerações Finais.....	47
V. Referências Bibliográficas.....	48
V. Apêndices.....	50
VI. Anexos.....	63

INTRODUÇÃO

A intervenção num contexto educativo de carácter não formal permite reflexões educativas que são potenciadoras de inúmeras aprendizagens. Neste caso em específico, tendo em conta a natureza da instituição, foi uma intervenção num contexto cultural e em todas as suas práticas.

Neste sentido, o presente relatório de estágio retrata o percurso desenvolvido ao longo do Mestrado em Ciências da Educação, mais especificamente, no âmbito do domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social. Pretendi optar pelo mestrado profissionalizante por pretender ter uma noção mais exata do mundo do trabalho em contextos de intervenção sociocultural. Assim, a opção tornou-se evidente. Ao longo do percurso vivido no contexto de estágio, surgiram algumas questões que neste relatório irão ser apresentadas e discutidas.

Considero que todos os ensinamentos e práticas que adquiri foram importantes para a minha futura vida profissional, mas principalmente para a minha vida e crescimento pessoal.

O relatório que aqui se apresenta, e que tem como objetivo último a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, é o resultado do trabalho desenvolvido ao longo de um determinado período de tempo, em contexto de estágio, numa instituição educativa de carácter não formal, Cooperativa de Ação Cultural Nascente.

Mediante uma linha orientadora, que assenta em pontos-chave como a educação artística, a democracia cultural e a mediação cultural, pretendo refletir acerca da existência, das potencialidades e dos constrangimentos que um Serviço Educativo assume no contexto real vivenciado em instituições culturais.

Como indico no relatório, a instituição na qual realizei o meu estágio não possuía um Serviço Educativo formalmente constituído e este foi o motivo que me levou a questionar a realidade destes serviços. Para a realização deste trabalho foram utilizadas diversas ferramentas de investigação como entrevistas, notas de terreno, entre outras que no decorrer do trabalho irão ser perceptíveis.

Assim sendo, o presente relatório encontra-se organizado do seguinte modo: o relatório está organizado em três capítulos: Educação e Mediação Cultural, Percurso na Instituição e, por fim, Problematização do Percurso Vivido.

No primeiro capítulo, faço uma identificação e caracterização da instituição enquanto associação cultural e educativa, através dos estatutos da mesma, mas também através da sua história e dos ideais que a própria instituição representa. Para além disso, é feita uma referência à Educação Artística, à origem e caracterização dos Serviços Educativos em Portugal, questionando qual seria a possibilidade de um serviço deste nesta associação. Neste sentido, e tendo em conta o trabalho realizado nos Serviços Educativos, foi necessário uma reflexão acerca da mediação.

No segundo capítulo, caracteriza-se pela minha inserção na instituição e as ações que fui desenvolvendo nos diversos setores.

No terceiro capítulo surgem alguns conceitos que surgiram na reflexão do percurso em contexto estágio, nomeadamente o conceito de democratização cultural, democracia cultural e formação de públicos. Estes conceitos são discutidos ao longo deste capítulo.

Por fim, são referidas considerações finais relativas à profissionalização das Ciências da Educação no mundo da Arte e Cultura. Tomo por referência o Plano de Ação Educativo para delinear métodos e estratégias de ação, no que concerne à possibilidade da constituição formal de um Serviço Educativo na instituição.

I. Educação e Mediação Cultural

O início...

Quando iniciei a aventura de ingressar no Mestrado, nunca imaginaria que a temática de estudo que iria escolher seria centrada no mundo das artes. O que tinha em mente sempre foi algo mais “rígido”, algo que se centrasse na área da Formação e Profissionalização. O meu interesse na intervenção cultural despertou com uma unidade curricular optativa – “Educação, Arte e Cultura”. Desde logo achei fascinante a forma como estes três componentes se entrelaçavam. Ainda nesse semestre, a partir de outra unidade curricular, nomeadamente Metodologias de Intervenção em Educação, tive a oportunidade de trabalhar nessa mesma direção. Em conjunto com outras colegas, o nosso trabalho centrou-se na elaboração de um projeto de intervenção com os formadores de uma instituição que promove diversos eventos e ações culturais direcionadas para a música. Desde então, o meu foco tem sido o estudo desses mesmos campos (a educação não formal, a intervenção educativa em contextos de cultura e lazer, educação artística, intervenção comunitária) e de que forma estes se agregam.

Considero que, atualmente, a Educação ainda se encontra fortemente enraizada num ponto de vista escolar, baseada numa visão formal, isto é, numa lógica de ação educativa que corresponde a “um nível formal de que o protótipo é o ensino dispensado pela escola, com base na assimetria professor aluno, na estruturação prévia de programas e horários, na existência de processos avaliativos e de certificação.” (Canário, 1999:80) É certo que já foram dados passos largos na aceitação de outras visões face ao vasto mundo em que a Educação e a Formação se inserem. A educação não formal é, de facto, um dos exemplos mais notórios desse mesmo aspeto. Não contraria ou substitui o modelo de educação formal. É, resumidamente, um processo de aprendizagem social, assim como de experiência pessoal do indivíduo. Nas palavras de Canário, tal lógica de ação educativa corresponde a “um nível não formal caracterizado pela flexibilidade de horários, programas e locais, baseado geralmente no voluntariado, em que está presente a preocupação de construir situações educativas “à medida” de contextos e públicos singulares.” (idem,

ibidem). Esta tipologia de educação é possível de ser retratada através da intervenção comunitária. Não querendo de maneira nenhuma restringir a ação da intervenção comunitária, esta é um processo que permite mobilizar e potencializar os recursos endógenos existentes numa determinada comunidade, através da contribuição de recursos exógenos. A ideia de desenvolvimento local propõe a criação de um ambiente que auxilie as comunidades na procura de novas formas de desenvolvimento que interliguem as questões sociais, culturais, entre outras. “O desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano”. (idem:65). Intervir na comunidade implica um trabalho social realizado com a população, tendo como objetivos primordiais a resolução de problemas e o desenvolvimento de capacidades de uma determinada comunidade através de um processo acordado entre os agentes da ação e a própria comunidade local.

Considero pertinente mobilizar para o presente trabalho o conceito de “educação permanente”, uma vez que este se refere a uma ideia de educação ao longo de toda a vida, não estando circunscrita apenas aos contextos escolares, mas pressupõe uma extensão da educação a todos os ambientes nos quais construímos as nossas experiências pessoais e sociais. “(...) A perspectiva de educação permanente aparece como um princípio reorganizador de todo o processo educativo, segundo orientações que permitiriam superar a dominância quase exclusiva das concepções e práticas escolarizadas.” (idem:87-88). Deste modo, a “educação [permanente] não acontece apenas numa idade específica mas ao longo de toda a existência, nos mais diversos contextos, sob as mais diversas modalidades, proporcionando o desenvolvimento integral das pessoas.” (Araújo & Medina, 2012: 572).

Relativamente às razões de escolha do Estágio, o facto de ser uma oportunidade de conhecer a realidade do mundo do trabalho, interessou-me bastante. As expectativas iniciais relativas ao Estágio incidiam na expectativa de um desenvolvimento prático e metodológico que me fizesse evoluir enquanto profissional, de acordo com um plano organizado e estruturado. Assim, para além de um desenvolvimento académico e profissional, esperava atingir um desenvolvimento pessoal.

Com o Estágio pretendia aprender e adquirir experiência para me tornar uma profissional competente, alcançando competências de adaptação a cada realidade e/ou situação que surgissem como novidade. Um dos meus objetivos era, como já referi anteriormente, ter uma visão do mundo do trabalho, particularmente nas áreas da cultura, da arte e da intervenção comunitária e, assim, pretendia entender as diferenças entre a preparação teórica que recebi ao longo dos anos e a forma como, na prática, as situações são encaradas e possivelmente resolvidas.

Mesmo contente com esta nova etapa, tinha consciência da realidade e da complexidade de trabalho que me esperava e, por isso, tinha alguns receios, nomeadamente de não conseguir corresponder às expectativas e não atingir os objetivos aos quais me propunha. Mesmo assim, considero que mesmo nas situações de maior nervosismo e pressão, o caminho correto é seguir em frente, tendo sempre em conta que devemos dar o nosso melhor e não deixarmos o medo perturbar o nosso desempenho.

No início, a procura por uma instituição que fosse ao encontro do que procurava não foi uma tarefa fácil. Primeiramente eu ambicionava algo que aliasse a intervenção cultural com práticas não formais, e, embora existisse um leque variado de instituições que o fizessem, eu queria focar-me na minha comunidade e voltei as minhas atenções para instituições na cidade de Espinho. Após uma extensa pesquisa, encontrei uma Cooperativa de Ação Cultural denominada “Nascente”.

A Nascente enquanto associação cultural e educativa

A Cooperativa Nascente é uma associação cultural de Espinho, com 40 anos, que tem desenvolvido uma intensa atividade desde a sua fundação. A valência pela qual é mais conhecida centra-se na organização do Festival de Cinema de Animação – CINANIMA. No entanto, a instituição conta também com um jornal semanal - Maré Viva -, um grupo de teatro amador – Teatro Popular de Espinho - e um centro de atividades e expressões culturais e artísticas para diversos públicos, o AnimArtes.

Esta instituição tem como objetivo

“(...) a promoção cultural dos seus associados e da população em geral, podendo, para o efeito, utilizar todos os meios legais e úteis, a saber: a) Publicação e venda de livros, jornais, revistas e outras publicações; b) Realização de espetáculos de cinema, teatro, música e outros e a prática dessas mesmas actividades; c) Quaisquer outras actividades legais que sejam prática ou meio difusor de cultura ou fonte de angariação de fundos”.¹

Ao longo do tempo, a Nascente realizou as mais diversas ações no que concerne à promoção cultural. Ações como o incentivo à leitura, a animação através de música e teatro, seminários de história e geografia da cidade, recitais de música, atividades alusivas ao cinema, passeios culturais, laboratórios fotográficos, deslocações a espetáculos, trabalho com jovens e crianças, assim como na área de educação de adultos.

Como exemplos práticos dessas ações, podemos nomear os Encontros Anuais de Pintores de Cavalete, que são realizados todos os anos pela Cooperativa, onde diversos artistas se reúnem no parque da cidade de forma a divulgarem as suas obras de arte; como também a “DIAFA [palavra de origem árabe que significa «hospitalidade»] - Semana Cultural Árabe” que surgiu da preocupação social relativa à questão dos refugiados, tendo sido uma semana inteiramente direcionada à divulgação, através de diversas atividades, de conceitos culturais árabes.

Relativamente ao AnimArtes, esta é constituída por um conjunto de aulas, ateliês e cursos muito diversificados. Desde as Danças de Salão e Danças Orientais ao Hip Hop, Latin Fit e Dance Fit (que são aulas de exercício físico destinado ao público feminino), Treino Funcional, Yoga, Ensemble (aula de canto e técnicas vocais), o atelier de Cerâmica e um conjunto de cursos acerca da história local. Em Outubro iniciou-se o terceiro curso que a Nascente tem vindo nesse sentido e tem como título “Sociabilidades e Marginalidades em Espinho”, cujo formador é o Dr. Armando Bouçon, Mestre em História Contemporânea.

¹ Artigo 3.º dos Estatutos da Nascente Cooperativa de Ação Cultural

“A Nascente tem quatro/cinco áreas de atuação, que são conhecidas. Algumas já vêm de há 40 anos, como o Jornal Maré Viva, o CINANIMA, o Teatro Popular de Espinho. Depois existem mais duas ou três áreas que são mais recentes, que procuramos dinamizar, como é exemplo o AnimArtes, que é uma área muito voltada para a procura de atividades lúdicas, formativas, de ocupação de tempos livres do ponto de vista físico, mental, queremos montar junto das pessoas momentos de distração das suas rotinas, através da dança, do teatro, do yoga, da cerâmica, do canto, são tudo atividades que promovemos nessa área e que criamos à cerca de três anos” (Entrevista Diretor)

Não posso esquecer o projeto “Conviver”, pois é um projeto que promove a animação sócio-cultural com públicos idosos, através de encontros e organização de festas e atividades que estimulam este público. Por fim, o projeto “Outros Palcos”, no qual estive inserida, que se baseia na deslocação a espetáculos e eventos culturais, destinados a sócios e não-sócios da Nascente.

“E depois temos uma ou duas áreas que privilegiamos e que se direcionam para preocupações específicas, que é o Projeto “Outros Palcos”, que procura levar pessoas a assistir a espetáculos fora de Espinho e dinamizar o seu interesse e a sua procura pessoal pelo acesso a iniciativas culturais, espetáculos e outras.” (idem)

Para tal acontecer, foi e é necessário uma participação e envolvimento comunitário, maioritariamente de voluntários, o que permitiu que a Cooperativa assumisse uma posição na comunidade e assumisse um papel social relevante, como entidade de formação informal, cidadã e cultural.

Atualmente, a instituição conta com parcerias com a Câmara Municipal de Espinho, a rede escolar existente na cidade (Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Gomes de Almeida, Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, Escola Profissional de Espinho, Escola Profissional de Música de Espinho, Universidade Sénior) e o Teatro Municipal do Porto, entre muitas outras entidades.

“As parcerias que nós temos são mais ou menos a nível local tirando o CINANIMA que extravasa mais as práticas da Nascente, a nível local temos as institucionais mais evidentes, desde autarquia e com diversas entidades locais, como associações. São parcerias mais de princípio do que prática real. Disto tudo, decorre uma relação com a comunidade, uma relação aberta, com as suas dificuldades normais, mas, sobretudo uma relação de serviço que prestamos de alguma qualidade.” (idem)

No passado dia 16 de junho de 2016, por ocasião das festividades do 43º aniversário da elevação de Espinho a cidade, a Cooperativa Nascente foi distinguida pelo Município de Espinho com o prémio de Reconhecimento Público e Homenagem pelos 40 anos de atividade cultural contínua no concelho.

“Nós evoluíamos fazendo, queríamos fazer, simplesmente fazíamos”

O associativismo, tal como o conhecemos, remonta ao séc. XIX devido à Revolução Industrial gerada em Inglaterra no séc. XVII e à Revolução Francesa no séc. XVIII. Estas duas revoluções e os seus ideais originaram um novo paradigma formado na Revolução Liberal em 1820. No século XIX, Portugal atravessava uma profunda crise marcada pelas invasões e ocupações militares, assim como pela fuga da Corte para o Brasil. A imagem era crítica e a situação social estava destruída e abalada. Neste contexto, as pessoas começaram a organizar-se para diminuir danos e dificuldades.

De acordo com Martins, “é pois neste contexto que as populações se organizam, constituindo associações, de forma a encontrarem, solidariamente, respostas para as suas necessidades.” (Martins, 2010:1)

Com o decorrer do tempo, diversas associações foram criadas, mas em Portugal o controlo social e político era muito forte, principalmente no séc. XX com a constituição do Estado Novo.

Contudo, com a Revolução de Abril em 1974, assistimos a um crescimento do movimento associativo em Portugal. E foi neste contexto que surgiu a Nascente, em 1976, num momento em que se começavam a dar os primeiros passos em direção a uma maior liberdade de organizações e associações.

Este novo contexto democrático provoca e renova o desejo de mudança, mas principalmente de participação.

“Efetivamente, a partir do 25 de Abril, as pessoas adquirem uma maior consciência de si próprias, dos seus direitos e deveres, reconhecendo o papel que podem desempenhar nos processos de mudança e transformação social. Assumindo-se como atores e autores sociais e como construtores da história, são muitos os que tomam a iniciativa e desenvolvem a sua ação de forma entusiasta, intervindo nas mais diversas instâncias e setores.” (Medina, Caramelo & Cardoso, 2013:2)

Mesmo com a liberdade e a expansão de associações que vemos crescer a partir do final dos anos 1970, muitas associações acabam por perder a sua identidade, pois acabam por ser transformadas de acordo com os apoios ou financiamentos. Por este motivo, “tende a perder-se assim o carácter voluntário e militante que era seu traço identitário, conduzindo, em algumas circunstâncias, a uma perda de autonomia e liberdade das associações na definição da sua atividade e formas de intervenção.” (idem:3)

Enquanto outras associações deixaram que as suas particularidades fossem alteradas e transformadas, como já foi referido anteriormente, a Nascente continuou persistindo na realização do seu projeto comunitário e cultural, permanecendo fiel aos ideais de associativismo. De facto, existe uma intencionalidade em promover o bem-estar do seu público, em promover atividades num registo de voluntariado, liberdade e solidariedade, em unir as pessoas à volta de momentos de aprendizagem, possuindo, deste modo, uma lógica cidadã de intervenção e de associativismo.

“A envolvimento relacional e afetiva assume uma enorme importância, dando sentido à participação de cada um, criando as condições para a troca de ideias e para a reflexão, para que todos possam aprender com todos, para a criação e desenvolvimento de uma cultura comum em que a resposta a novos desafios e o assumir de responsabilidades podem ser encaradas com tranquilidade, experimentando o prazer de aprender e sem o medo de errar que, noutros contextos, dificulta claramente os processos de aprendizagem.” (idem:7)

Uma fonte de transmissão de Educação Artística

A educação é um fenómeno muito diversificado e representa uma possibilidade real de transformação da condição humana e da realidade. Existe a necessidade de termos em conta a formação integral do Ser-Humano, pois contribuímos para a construção do mundo que nos rodeia.

Se considerarmos uma das variantes de trabalho da Nascente, nomeadamente o AnimArtes, que consiste na organização de diversos workshops, aulas, conferências e outros componentes que permitem um acesso ao mundo cultural de uma forma mais prática, podemos considerar que a instituição é promotora de educação artística. A ideia de os participantes se transformarem em agentes de ação, e não apenas espectadores, permite-nos conceber uma lógica de educação artística, cuja experiência está para além do mero momento de lazer ou descontração. Imaginando uma senhora que frequente o atelier de Cerâmica: quais são as aprendizagens que ela irá retirar? Serão apenas conhecimentos de barro e outros instrumentos? Será que aquela experiência pode constituir-se em crescimento pessoal? E o que dizer sobre o contato com os restantes participantes? Na minha opinião, aquele momento pode significar muito mais do que uma mera aprendizagem de cerâmica, não descredibilizando o ensinamento da prática. Mas pode significar também um momento de socialização, de descoberta de novos gostos pessoais, de inícios de novas amizades, entre muitos outros aspetos.

“La clave se desplaza desde una experiencia que se enfoca en el aprendizaje, pareciendo que éste se da de manera espontánea, a otra donde lo que cuenta es la creación de condiciones que faciliten el aprendizaje, crear condiciones para que el aprendizaje suceda, se produzca. Por lo tanto, el trabajo en arte y el trabajo en la enseñanza del arte, no es solo acerca de desarrollar destrezas o habilidades para hacer arte, sino también y muy especialmente, el de creación de

condiciones, de redes de solidaridad, apoyo y socialización que permitan hacer arte.”² (Liceranzu, 2013:102)

Neste sentido, podemos fazer referência ao movimento originado na segunda metade do séc. XX, denominado “educational turn”, estudado por Irit Rogoff. Este conceito procura traduzir as transformações operadas nas instituições culturais nas últimas décadas, cujas práticas passaram a incorporar preocupações educativas. Este movimento descreve uma tendência nos campos da arte e da cultura, em que as diferentes formas, estruturas de ensino e métodos e programas pedagógicos alternativos apareceram em práticas artísticas e de curadoria. A ênfase não é sobre a obra de arte como produto final, mas sim no que se realiza nos “bastidores”, ou seja, no processo.

“The most common aspects of art works, exhibitions, and projects interpreted within the framework of the educational turn, include developing new methodologies, which allow for the democratization of the access to knowledge; the use of new genres and methods of presentation; the transformation of the positions of the artist, the curator, the artwork, and the viewer, as well as the formative engagement of the participants in the process of the project (...) The educational turn can be considered mainly a tendency in art that shapes the processes of creation, acts as an incentive for self-organization (...) and it also concerns the (self-)revision of museums, as well as the transformation of the art institutions into educational platforms. Furthermore, it reacts to changes in public education.”³ (Lázár, s/d)

² “Os movimentos-chave de uma experiência que se concentra na aprendizagem, pretende que esta ocorra espontaneamente, enquanto a outra em que o que conta é a criação de condições que facilitam a aprendizagem, gere condições para que a aprendizagem aconteça, se produza. Portanto, o trabalho em arte e o trabalho no ensino da arte não é apenas sobre o desenvolvimento de competências ou habilidades para fazer arte, mas também, e sobretudo, na criação de condições, redes de solidariedade, apoio e socialização que permitem fazer arte.”

³ “Os aspetos mais comuns de obras de arte, exposições e projetos interpretados dentro do âmbito da viragem educativa, incluem o desenvolvimento de novas metodologias, que permitem a democratização do acesso ao conhecimento; o uso de novos géneros e métodos de apresentação; a transformação das posições do artista, o curador, a obra de arte, e o espetador, assim como o compromisso formativo dos participantes no processo do projeto (...) A viragem educativa pode ser considerada principalmente uma tendência na arte que molda os processos de criação, atua como um incentivo para a auto-organização (...) e diz respeito à (auto)avaliação de museus, bem como à transformação das instituições de ensino de arte em plataformas educativas. Além disso, reage às mudanças na educação pública.”

Assim, a educação artística permite e contribui para o desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e criativas, fortalecendo relações e dinâmicas entre sujeitos, assumindo um papel fulcral e uma fonte de potencial.

Génese dos Serviços Educativos

Nos últimos anos, foi reconhecida, na esfera política e social, notoriedade no campo da cultura devido a processos de transformação que advêm desta.

“Estas transformações relacionam-se em parte com o modo como o Estado tem procurado reorientar as suas políticas nesta matéria, surgindo nos últimos anos novas estratégias de intervenção e novas temáticas e agendas, no âmbito das quais se espera que as artes e a cultura venham a dar respostas e contributos significativos para o desenvolvimento socioeconómico das cidades e dos territórios.”
(Quintela, 2011:63)

As preocupações pelo estabelecimento de relações entre indivíduos, arte e cultura é um dos aspetos que conduz à criação dos serviços educativos. Assim, estes surgem como meio de mediação entre práticas culturais e os públicos. Por essa razão, e devido também a diversos investimentos, assistimos a um crescimento e desenvolvimento destes serviços em diversas instituições culturais.

Utilizando as palavras de Pedro Quintela,

“A aposta na criação de serviços educativos vem-se assim revelando crescentemente diversa e necessita por isso de ser estudada, nos seus objectivos, procedimentos e efeitos. Tratando-se de um campo de acção cultural em transformação, mas ainda pouco estudado no nosso país, importa investigar como estão os serviços educativos a reinventar o modo de relacionamento dos públicos com as instituições culturais e, de forma mais ampla, com a prática artística e criativa”. (idem:64)

O conceito de SE – Serviço Educativo - iniciou-se numa vertente museológica. O primeiro SE a ser criado foi por João Couto no Museu Nacional de Arte Antiga, um gesto que permitiu abrir “de forma pioneira uma nova frente de actuação para o museu que exemplarmente dirigia, bem como propiciou o rasgar de horizontes de acção ao sector museológico.” (Camacho, 2007:26) Com o desenvolvimento dos serviços educativos, assistimos a uma alteração na missão destes face aos objetivos contidos na sua génese, nomeadamente em registos museológicos. Após o conceito ter surgido, algumas iniciativas - como seminários e conferências - foram organizados para demonstrar a possível relação que poderia existir entre museus e educação. No entanto, foi apenas nos anos oitenta que se assistiu a um crescimento exponencial destes serviços nas instituições. “A noção de “Serviço Educativo” (...) corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu [ou instituição] em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos.” (idem:28)

O público para o qual são pensadas as atividades é diversificado e, por isso mesmo, as próprias atividades têm de assumir um carácter diversificado, de forma a conseguir atingir o mais variado grupo de pessoas. Daí a necessidade de existirem atividades dirigidas para crianças, jovens e grupos escolares, atividades dirigidas a adultos, assim como atividades a partir das quais seja possível englobar um conjunto diverso de participantes.

Esta lógica de abertura e de aproximação das instituições culturais ao público insere-se num paradigma novo e diferente no que toca o entendimento do papel da cultura no desenvolvimento pessoal e social.

“[A] mudança de paradigma promove cada vez mais a consciência de que os indivíduos são activos na sua construção de conhecimento e de que os aparelhos culturais e educativos têm um papel fundamental a cumprir neste campo. Enquanto instrumentos para a criação de espaços democráticos e inclusivos de acesso, construção e debate do saber, as instituições e projectos culturais cumprem ainda a dupla função de

responder às exigências de lazer e fruição da sociedade de consumo contemporânea.” (Barriga & Silva, 2007:9)

Os SE assumem um papel de extrema importância nos processos de comunicação entre a instituição e o público, no sentido de sustentarem as relações entre ambos. “Os serviços e projectos educativos têm vindo a assumir, cada vez mais, o papel de interfaces de comunicação com as audiências e de lugares privilegiados para a construção de saberes e o estabelecimento de relações duradouras e exigentes.” (idem, 2007:9)

Mesmo tendo em conta todas as potencialidades dos SE, é possível enumerar alguns constrangimentos e necessidades que se pressentem nos dias de hoje relativamente a estes contextos, sendo eles: “inexistência de instalações próprias para o desenvolvimento da acção educativa (...) menor qualificação e a falta de especialização do pessoal que colabora nos serviços educativos (...) necessidade de diversificação das actividades realizadas (...) escassez de edições e a utilização esparsa das tecnologias de comunicação” (Camacho, 2007:37)

(Im)possibilidades de um serviço educativo na Nascente

No decorrer do estágio, uma questão levantada diversas vezes prendeu-se com a inexistência de um SE formalmente constituído na Cooperativa Nascente. É possível determinar um conjunto de potencialidades que contribuem para a existência desse mesmo serviço, mas na prática tal não acontece nesta instituição. A instituição funciona maioritariamente em sistema de voluntariado e, segundo o observado durante o estágio e pelas próprias palavras do diretor (quando entrevistado), a falta de recursos, nomeadamente financeiros, impossibilita a contratação de pessoal formado e especializado na área para assumir funções neste âmbito. No entanto, enquanto a instituição se debate com a ausência de um SE formalmente constituído, uma das vertentes da instituição, o CINANIMA, detém um SE estabelecido e em funcionamento.

“A nível da Nascente não há de facto o que podemos chamar de Serviço Educativo, mas todo o nosso trabalho procura ser muito educativo, não temos formalmente essa possibilidade, aliás isso implicaria de entre outras coisas a necessidade de termos alguém connosco a trabalhar profissionalmente (...) nós tínhamos todo o interesse em ter hoje pessoas com formação, não é essa a origem da Nascente, funcionou sempre em registo voluntário/amador” (Entrevista Diretor)

O trabalho educativo realizado na Nascente corresponde a um leque muito variado de oportunidades, desde eventos, cursos, tertúlias, conferências, relação com as escolas, ateliers, entre muitas outras... Todas estas oportunidades, as quais sugerem desde logo uma mediação entre participantes e instituição, estão, mais uma vez formalmente falando, sem um apoio profissional da área. No entanto, existem pessoas que se encarregam de fazer justamente essa mediação, bem como a intervenção que é necessária. Tendo em conta que a instituição funciona maioritariamente por vias de voluntariado, tendo apenas três funcionários assalariados, as funções de um possível mediador cultural são distribuídas por estes três funcionários, em conjunto com o diretor da instituição. Estes funcionários tornaram-se praticantes de uma necessidade proeminente, pois não tendo alguém com formação específica na área, serviram-se da sua prática e experiência para darem resposta às diferentes situações de comunicação, relação e mediação com o público. Neste sentido considero que sejam mediadores culturais da instituição. No entanto, estas questões fazem com que exista uma pluralidade de trabalho que nem sempre é bem vista e aceite pelos funcionários. A falta de recursos financeiros afeta simultaneamente os recursos humanos que esta detém ou carece. O resultado é trabalho acumulado, surgimento de momentos de muita pressão, desânimo e extenuação.

No entanto, a minha questão retorna à necessidade da existência desse mesmo serviço. Como verificámos, a existência de um serviço como os SE é muito valorizada. Se, neste caso em específico, nos afastarmos da incapacidade financeira por parte da instituição para albergar um serviço assim, podemos refletir: Quais são as verdadeiras potencialidades deste? Tendo em

conta que hoje em dia os SE são muitas vezes dirigidos a públicos escolares, é possível assumir que atualmente os SE estão quase que inteiramente escolarizados, desde o público-alvo, às próprias ações e atividades dinamizadas.

Todavia, um SE tem como objetivo a promoção da instituição. Através do SE nós temos de conhecer e reconhecer a instituição, pois é através do trabalho que é dinamizado neste serviço que é dada a conhecer a instituição em causa.

As questões que um SE deveria levantar são:

“Que actividades educativas posso oferecer aos públicos de todas as idades? Quais são os públicos-alvo, reais e potenciais? Quais as suas expectativas e necessidades? Que parcerias necessito de estabelecer para qualificar a oferta educativa? Como planificar uma rede de contactos? Como incrementar os escassos recursos? Como é que o projecto educativo poderá ser avaliado e potenciado? Que metas? Que objectivos? Que estratégias?” (Barriga, 2007:44)

Neste caso em específico, um SE poderia efetivamente potenciar tanto as práticas e atividades culturais, como a própria instituição. Em entrevista com o diretor, ele afirmou não ter “nada contra profissionalizar algumas áreas, devia haver profissionais paralelamente a voluntários.” A partir desta possibilidade, novas metas iriam surgir, novos alvos a alcançar, novos conhecimentos poderiam desenvolver-se.

“Pretendemos identificar através das inúmeras atividades, públicos mais regulares. Mas existe muito trabalho a fazer e não o fazemos de forma sistemática e organizada, na nossa primeira reunião foi um dos aspetos que assinaliei da sua presença que foi o auxilio que nos daria nesse sentido. A falta de informação empírica é uma grande falha da nossa parte. Uma cooperativa cultural sem isso não faz sentido. Isto não é uma cooperativa de espetáculos, é uma cooperativa de ação cultural, o que implica que as pessoas construam elas próprias a atividade.” (Entrevista Diretor)

“A noção de que as instituições culturais são locais de emancipação da sociedade, fundadores de consciências críticas e agentes construtivos de mudanças nos vários campos do conhecimento e das expressões, constitui o fundamento que justifica a actualização da sua função educativa.” (Barriga, 2007: 43)

Neste contexto, seria necessária a criação de um PAE – Plano de Ação Educativo - que se caracteriza por ser “um documento que esclarece, de forma clara e concisa, as metas, objectivos e estratégias da acção pedagógica, tendo por base a política institucional e a responsabilidade que esta assume perante as comunidades a quem dirige a oferta programática” (idem, ibidem). Através do PAE é possível construir um programa que assuma os princípios da instituição em questão, assim como as formas de ação que esta seguirá. A partir deste, a tarefa do profissional encarregado do SE será muito mais facilitada, pois terá um documento pelo qual poderá guiar-se.

“A primeira fase da elaboração do plano consiste em identificar a função do serviço educativo no seio da instituição, certificando, deste modo, que esta seja concretizada através dos projectos apresentados no PAE.” (idem: 50) Esta fase caracteriza-se pelo levantamento da missão educativa da instituição, ou seja, quais são as finalidades da criação, os públicos, os objetivos e estratégias e orientações, a sua função e as relações com o exterior/instituições externas. Todos os dados que são incorporados no PAE devem ser realistas.

Com o surgimento de um SE na Nascente, a estrutura assumida até então poderia ser alvo de mudança organizacional, assim como institucional.

“(...) a sua visão [do SE] tem de ser suficientemente abrangente para responder às expectativas dos públicos e, simultaneamente, primar pela capacidade de sustentar uma missão pedagógica que acompanhe os novos desafios da sociedade. Entenda-se o PAE, neste sentido, como um instrumento de mudança que responde à emergência da gestão estratégica no seio dos Serviços Educativos de instituições culturais.” (idem: 55)

No entanto, se refletirmos acerca do trabalho realizado pela Nascente, chegamos à conclusão que existem ações educativas e culturais que são

divulgadas, promovidas e produzidas. É possível identificar alguns princípios que caracterizam um SE no trabalho que é desenvolvido pela Nascente, mesmo que esta não assuma formalmente a existência de um SE. Um dos objetivos da Cooperativa, que entra em conformidade com a génese do SE, é a formação de públicos.

A Nascente não pretende formatar públicos, mas formar pessoas. Quando questionado, o Diretor afirma que o que move o Projeto “Outros Palcos”, é que as pessoas se tornem “um bocadinho criteriosas, que é também o nosso objetivo, não é apenas levar as pessoas, mas formar públicos. Criar públicos interessados, críticos, que nos desafiem até a nós próprios no sentido de conseguirmos fazer melhor, conseguir chegar a objetivos mais diferenciados.” (Entrevista Diretor)

A formação pessoal e a participação da comunidade sempre foi uma preocupação, mas conforme o diretor afirma “(...) temos o nosso público, conforme as iniciativas, mas essa é uma área para nós sempre em aberto: constituição de um público e a formação de pessoas críticas que também nos desafiem para levarmos a cabo as atividades que acharem interessantes.” (idem)

Não podendo esquecer que se trata de uma Cooperativa, o trabalho realizado pela mesma baseia-se desde a sua criação no amadorismo, onde a aprendizagem não era somente transmitida, mas vivida: “Nós evoluíamos fazendo, queríamos fazer, simplesmente fazíamos.” (Entrevista Diretor)

A Nascente pretende criar um impacto na vida da pessoa, de forma a que a pessoa faça e aprenda. Como referi, tudo começou pelo amadorismo, o que me faz questionar: é possível uma instituição cultural sobreviver sem um serviço educativo/cultural/de mediação cristalizado? Quantos exemplos temos de instituições que sobrevivem sem este tipo de oferta? Será uma decisão meramente burocrática? Ou necessária? Enquanto estive na Nascente, em estágio, questionava-me acerca da inexistência formal de um SE. No entanto, considero que existe imenso trabalho realizado. A Nascente é uma instituição com quarenta anos de existência que tem um património e um histórico extenso de intervenções culturais. Se no início questionava o facto da necessidade de existir um SE, no final do estágio comecei a interrogar-me

acerca da potencialidade de uma associação não instituir formalmente este serviço, tendo em conta que a Nascente já produz esse trabalho.

Um possível olhar sobre a mediação cultural

O termo «mediação» é um termo muito ambíguo e que atualmente é utilizado em diversas áreas de ação. Anteriormente, a mediação era remetida desde logo para resolução de conflitos entre duas partes. Hoje em dia, mediação vai muito além do que simplesmente a resolução do conflito. Passamos de um conceito redutor a um trabalho que dá primazia à comunicação entre todos os envolvidos, de forma a trabalhar as diferenças e transformar coletivamente a realidade. O conjunto que define o domínio da mediação é muito amplo. “A mediação tem vindo a ganhar uma importância crescente em muitos países e nos mais diferentes domínios, desde o político, ao laboral, ao judicial, ao educacional, ao comunitário e ao das relações interculturais.” (Oliveira & Freire, 2009:11)

Tendo em conta que o conceito de mediação pode assumir diversas interpretações, considero que o trabalho realizado pela instituição em questão pode ser visto como um meio de promover mediação cultural, por promover atividades cujo objetivo é estabelecer relações de aproximação entre a cultura, a arte e o público. De acordo com Martinho, “possuindo um historial mais antigo nos museus, a mediação cultural é enquadrada, na maior parte das vezes, por um serviço educativo e pode assumir diferentes modalidades, como visitas guiadas, ateliês, oficinas, cursos breves e outras.” (Martinho, 2013: 425). A Nascente não possui esse tipo de serviço em funcionamento, o que não significa que o trabalho que é produzido na instituição não vá ao encontro do trabalho promovido pelos SE em geral, como já verificámos no ponto anterior.

O conceito de mediação cultural, no seu sentido original, diz respeito aos vários métodos de promoção da aproximação entre indivíduos e/ou grupos de indivíduos e obras de arte/cultura. O mediador tem o papel de promover essa aproximação, dado o objetivo de facilitar os possíveis diálogos entre as obras e os indivíduos.

Uma questão levantada durante um estudo de Teresa Martinho acerca da profissionalização dos mediadores culturais é determinante para a

capacitação destes, tendo em conta que é uma “ocupação profissional” relativamente recente, não em termos temporais, mas a nível de aceitação social. “É característica das ocupações com existência recente serem percecionadas de forma difusa quanto às necessidades a que respondem e aos seus modos de funcionamento pelas entidades empregadoras, pela sociedade em geral e até, em algum grau, por aqueles que nelas trabalham.” (idem: 433). Por ser algo que ainda é visto como recente e por isso não existir uma formação específica neste âmbito de trabalho, é natural a existência de desconforto por parte dos profissionais. Por vezes nem os próprios profissionais conhecem quais são as áreas de ação. Seguindo o mesmo estudo, podemos verificar que quando questionados acerca da área de ação, a

“(…) a área da pedagogia surge valorizada; esta, conjugada com conhecimentos teóricos e práticos sobre arte, constitui, para os entrevistados, a melhor habilitação para se poder desenvolver o trabalho de mediação cultural. Salientam-se, igualmente, as vantagens de ter formação superior em áreas artísticas, por potenciar, no entender dos mediadores, a criatividade na conceção e na orientação das atividades. E “aprender na prática, pelo lado da experiência”, como dizem, é repetidamente referido como etapa essencial de uma aprendizagem (e de um saber) em regime não formal.” (idem, ibidem)

Estas ideias remetem-nos para a visão da formação que é necessária para ser um mediador de acordo com os entrevistados da investigação/estudo. No entanto, como vimos anteriormente, o mediador cultural é o responsável por relacionar o público com a obra (ou prática cultural). Ainda no estudo de Teresa Martinho, a autora enumera as qualidades que considera caracterizar o mediador cultural, sendo estas: “ter muito gosto pelo trabalho de mediação; ter vontade e capacidade de investigar e comunicar; manifestar disponibilidade para acolher contribuições dos públicos; ter flexibilidade na conceção, organização e condução das atividades.” (idem: 433-434)

Segundo Martinho, é possível identificar três grupos que demonstram a diversidade entre mediadores culturais, são elas: “arte e vários caminhos; artistas apresentam arte; arte, comunicação e cidadania”. No primeiro, *arte* e

vários caminhos, como o próprio nome nos indica, os indivíduos valorizam a heterogeneidade de concepções que o campo cultural concede. “Fazer visitas guiadas e outras atividades enquadradas nos serviços educativos de instituições culturais de referência representa para os mais jovens fundamentalmente um meio de aprofundar o conhecimento do campo mais diretamente relacionado com a sua área de formação académica” (idem, 438). O segundo grupo, *artistas apresentam arte*, são artistas que através da mediação pretendem desenvolver o seu trabalho artístico. “A especificidade desta categoria de mediadores advém de serem artistas, os quais encontram no terreno da mediação um contexto de aplicação, desenvolvimento e experimentação do conhecimento que detêm dos processos criativos.” (idem, ibidem). Por último, *arte, comunicação e cidadania*, aqui reúnem-se todos aqueles que através deste trabalho veem estimuladas apetências pessoais, sociais e de trabalho. “As atividades com os públicos revelaram-se contextos onde puderam aplicar profissionalmente o interesse pela reflexão sobre matérias artísticas e sociais (...) o gosto pela comunicação surge estreitamente relacionado com a visão da arte como fator de mudança, dos indivíduos e da sociedade, e de promoção de cidadania.” (ibidem)

O estudo de Teresa Martinho rompe com muitas ideias pré-concebidas acerca do universo da mediação cultural. Podemos afirmar que mesmo com este estudo acerca da profissão, e tendo em conta que hoje em dia as questões da democratização cultural e da formação de públicos são temas em discussão, ainda existem mediadores que ocupam um lugar secundário em diversas instituições culturais. Tal estudo rompe ainda com a ideia de que os artistas são meros criadores de arte, mas sim agentes ativos a nível de participação e mediação e, por isso, disponíveis a análises e apreciações das suas obras. Por último, mas não menos importante, é desenvolvida e discutida a necessidade de investigação, no sentido de suscitar e criar argumentos e pontos de vista, de forma a privilegiar a experiência estética do público.

Mesmo sendo indivíduos influenciados pelo meio que nos rodeia, considero que o mediador deve ser auto-crítico e deve refletir acerca das suas próprias experiências de mediação. O ambiente que nos rodeia é uma influência externa poderosa, formativa. No entanto, esta influência (o ambiente o qual nos rodeia) podemos ser nós ou não a selecionarmos-la. Por exemplo, a

visão europeia do mundo é apenas uma entre muitas outras perspectivas. Em outros lugares do mundo existem maneiras diferentes de pensar, de agir, de criar. No entanto, um mediador irá ter sempre reflexos das suas próprias vivências e experiências. Aliás, se refletirmos, todos os Seres-Humanos as têm, pois todos têm uma história pessoal, social que os caracteriza. Quando transportamos isso para o campo profissionalizante, essa história é algo que demarca um sujeito. No caso da mediação não é diferente. Devemos sustentar um sentimento não de neutralidade, pois isso é impossível, mas é necessário que o mediador cultural fomente um sentimento de auto-crítica dentro de si.

Considero que, embora existam profissionais que já desempenham esse papel na Nascente, acharia pertinente a existência de um profissional que estivesse contratado apenas para essa função, ao invés de serem funcionários com outros desígnios a executar o papel. Iria ser uma ação muito mais pertinente e enriquecedora, tanto para a instituição como para o próprio mediador. O trabalho produzido por este é um trabalho de cariz social e que pretende dar oportunidades de conhecer novas realidades a um público, produzindo processos de intervenção comunitária e participação social. Mesmo sabendo que existem limitações de recursos, acredito que a mediação cultural é uma das ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento de qualquer instituição cultural.

II. Percurso na instituição

Construção do meu lugar na Nascente

Quando iniciei o estágio, admito que estava muito nervosa com o que me esperava, mas ao mesmo tempo estava otimista. A minha inserção na instituição foi muito facilitada pelas colegas que lá trabalham, porque são pessoas muito simpáticas e acolheram-me desde o início. Claro que existiram alguns constrangimentos, como é natural, mas de modo geral considero que a minha inserção na Nascente foi muito positiva. Com o tempo, fui tentando quebrar alguns constrangimentos e consegui integrar-me. Embora em algumas ocasiões tenha desanimado, de um modo geral considero que tenha sido uma mais-valia para o meu percurso de vida.

A primeira fase do estágio centrou-se na minha inserção da associação e no conhecer da própria instituição e das pessoas que contribuem para o funcionamento da mesma.

Numa segunda fase, começaram a surgir questões de discussão, possíveis temas para a realização deste trabalho. Foi nesta fase que começaram a ser realizadas as entrevistas⁴, assim como os pequenos questionários⁵ administrados durante o CINANIMA.

Neste sentido, do meu percurso na instituição, surgiu a necessidade da aplicação de procedimentos metodológicos, à luz de uma metodologia qualitativa de investigação e os seus processos de análise. Como suporte à investigação em contexto de estágio recorri às técnicas de pesquisa documental, registo diário das observações no terreno (notas de terreno), observação participante e à entrevista semiestruturada.

Relativamente à pesquisa documental, a informação recolhida cingiu-se, praticamente, à documentação legislativa da Nascente e textos produzidos pela instituição. Para além da pesquisa documental, achei pertinente o registo diário das observações no terreno, pois além de permitirem descrever as atividades que iam surgindo, clarificavam determinados aspetos relativos às relações que

⁴ Guião das entrevistas em anexo

⁵ Guião dos questionários em anexo

ia criando no contexto. Através da observação participante foi possível observar a dinâmica das atividades, das pessoas envolvidas, suscitando assim um conjunto de reflexões. A observação participante fez parte do meu cotidiano, pois com este método foi possível constatar aspetos característicos do grupo, do ambiente e de outros fatores próprios da instituição, do qual consegui observar as pessoas na sua forma mais natural. Devido a esta envolvimento tornei-me também num ator social. Assim,

“(...) não se confunde com a mera descrição pormenorizada de situações, factos, ambientes ou pessoas, tendo como principal objetivo desvelar as ações e interações segundo o ponto de vista dos sujeitos (...) ele [investigador] apresenta um interesse especial pelos modos distintos como esses sujeitos se posicionam em relação a esse quotidiano”. (Amado, 2013:151)

A escrita das notas de terreno sucedeu-se através da observação do contexto e de todo o ambiente que me envolvia:

“O diário é a expressão diacrónica do percurso da investigação que mostra não apenas dados formais e precisos da realidade concreta, mas também preocupações, decisões, fracassos, sensações e apreciações da pessoa que investiga e do próprio processo de desenvolvimento; recolhe informação do próprio investigador/a e capta a investigação em situação”. (Vázquez & Angulo, 2003:39).

A última técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada. Através da entrevista é possível ao investigador conhecer as vivências e experiências de uma forma mais livre e natural. Tal como já fizemos referência atrás neste relatório, as pessoas selecionadas para a entrevista foram pessoas que faziam parte da história e da vida da Nascente, que estavam inseridas na realidade desta, como é o exemplo de um sócio que frequenta algumas das iniciativas da Nascente. Para além da entrevista a um sócio ativo, foram realizadas entrevistas a uma funcionária e ao Diretor da instituição. Estas últimas pessoas foram selecionadas por serem pessoas que beneficiam de um conhecimento muito profundo acerca do funcionamento e do quotidiano de todas as atividades na associação. As pessoas selecionadas devem “tratar-se de

peças que pela sua experiência de vida quotidiana, pelas suas responsabilidades, estatuto, etc., estejam envolvidas ou em contacto muito próximo com o problema que se quer estudar.” (Amado, 2013: 214).

Após a transcrição de entrevistas e de todas as notas de terreno, o passo seguinte consistiu na análise e preparação de todo o material empírico e na organização deste de forma temática, que auxiliasse na interpretação, pois “não basta recolher dados, é preciso saber analisá-los e interpretá-los” (idem: 299). Sendo assim, foi possível categorizar algumas questões levantadas de acordo com o material empírico recolhido. Uma das questões levantadas desde o início do estágio e que acabou por ser o guia orientador deste trabalho foi a inexistência de um SE formalmente constituído na instituição. Esta questão surgiu devido à procura de um elo de ligação que me permitisse refletir nas relações entre as práticas culturais e a formação de públicos, ou seja, entre a Nascente e o Público. De seguida, refiro as duas principais vertentes de ação da Nascente em que estive envolvida, que orientaram o meu próprio percurso na instituição.

CINANIMA

O CINANIMA é uma das vertentes da Nascente e é o Festival de Cinema de Animação, organizado pela Cooperativa em conjunto com a Câmara Municipal de Espinho. Na realidade, quando pensei na Nascente como local de estágio, o meu pensamento era estagiar no Serviço Educativo do CINANIMA, mas tal não foi possível.⁶ Mesmo assim, é uma vertente que me interessa e uma vez que estava a estagiar na instituição promotora, decidi, com a permissão do Diretor, auxiliar nas inúmeras tarefas que constam dessa semana. Considerei essa semana como uma das melhores do estágio. Tive a oportunidade de conhecer imensas pessoas do mundo do cinema da animação, mas também muitos profissionais da área da mediação cultural. Nessa semana tive a oportunidade de realizar um conjunto de questionários, embora os resultados não tenham sido de todo razoáveis, pois a percentagem

⁶ Tal não foi possível, pois o interesse da instituição não era uma colaboração com o CINANIMA, mas sim com o projeto “Outros Palcos”. Por outro lado, o CINANIMA detém já uma mobilização considerável de recursos, pelo que a instituição sugeriu que não haveria necessidade em remeter o estágio para esse contexto.

de resposta foi muito baixa e por isso nem sequer os utilizei no presente relatório. Num universo de quase duzentas pessoas, pois foi esse o número de questionários entregues, obtive uma amostra de apenas vinte pessoas, o que não caracterizava nem 50% do universo desejado.

“Até agora tem sido o melhor dia desde que entrei na Nascente. Estive envolvida em diversas atividades do festival, desde assuntos mais burocráticos a idas ao aeroporto para transportar cineastas e realizadores. Gostei imenso do dia de hoje, o ambiente é bem mais leve, não sei como está a situação na sede pois fui reencaminhada para aqui. Amanhã logo se verá.” (NT 8)

“Hoje vai ser o último dia com imensa pena, embora os inquéritos não tenham sido nada bons, gostei muito da experiência de estar por detrás das cortinas. Espero no próximo ano voltar!” (NT 9)

Considero o CINANIMA o grande motor da Cooperativa Nascente, no sentido em que é o setor que detém atualmente mais visibilidade. Pensamento este que é confirmado numa entrevista:

“(...) o CINANIMA é apenas uma das secções da Nascente é, no entanto, a secção com mais visibilidade quer local, quer nacional, quer internacional. E isso confirma-se com o número de espetadores que nós temos e conseguimos atingir, que é um festival organizado por uma associação cultural pequena, com poucos fundos mas que consegue chegar longe. É um dos melhores festivais de cinema de animação do mundo e isso enche-nos de orgulho claro. E se calhar por isso pode ser o motor sim, mas não retiro o mérito às outras atividades claro.”
(Entrevista funcionária)

A projeção que este festival atingiu é de fato inacreditável. Através deste festival, foi possível verificar algumas das questões educativas provenientes do cinema. O cinema é efetivamente produtor de questões educativas e o cinema de animação não é exceção. Existe uma planificação de atividades simultânea às inúmeras exposições, nomeadamente masterclasses, oficinas, programas para a realização de filmes de animação com escolas, entre outros. Embora se pense que estas atividades são destinadas a públicos escolares, estas são dirigidas ao público em geral. A ideia é fomentar o gosto pelo cinema da

animação, fazendo uma interface entre a educação não formal e os diversos espaços de comunicação. Entre os locais escolhidos para a realização destas atividades, não se encontra nenhuma escola ou contexto escolar, pelo contrário, são locais neutros.

Acompanhamento de saídas e eventos culturais

As saídas e as idas aos espetáculos foram outro parâmetro que contribuíram muito para o meu trabalho. Fez-me crescer enquanto pessoa, pois tive a oportunidade de assistir a diversas peças de teatro que em outra ocasião não seria possível, como por exemplo, “Bovary”, “Ifigenia”, “A festa (da Insignificância)”, assim como assistir a um espetáculo da Companhia Nacional de Bailado e participar de uma das “Quintas de Leitura”. A reação a cada espetáculo distinguia-se consoante a tipologia do espetáculo em si. Quando fomos assistir ao “Bovary” no Teatro Nacional São João, recordo-me que na viagem de volta, as pessoas vinham a comentar toda a peça. Considero que o único ponto que fica realmente em falta é o aproveitamento destas experiências vividas pelos participantes na criação de algo mais palpável, como uma conversa pós-espetáculo, por exemplo. Ainda que essa se realizasse no autocarro, sempre considerei que seria algo a ter em conta e merecedor de um olhar mais atento.

Para além das saídas, ficava encarregue da realização das folhas de sala, praticamente todos os dias tinha alguma responsabilidade que envolvia folhas de sala. As folhas de sala serviam de suporte ao espectador. A elaboração das folhas realizava-se através de pesquisa de informações relativas ao espetáculo que iríamos assistir, com diversos textos sobre o autor, um resumo do espetáculo, algumas curiosidades e a programação da Nascente durante aquele mês.

“Durante a sessão, a tarefa primordial foi o início da realização da folha de sala, relativa à peça “Ifigénia”, no Teatro Nacional São João.” (NT2)

“Fiquei na sala de Direção a procurar informação sobre o espetáculo “Bovary”.” (NT18)

Admito que, no início, a realização destas era uma tarefa muito aborrecida, mas com o tempo comecei a entender que era uma tarefa muito

produtiva. Foi através da pesquisa que comecei a conhecer mais acerca de atores, cineastas, sobre arte.

No tempo em que estive na Nascente, participei em saídas a duas entidades culturais – Teatro Nacional São João e Teatro Municipal do Porto (Rivoli e Campo Alegre). A seleção dos espetáculos levou-me a refletir nas razões da sua escolha. Seria por existirem parcerias entre instituições? Por questões monetárias? Por uma seleção baseada num certo conceito de teatro? Cheguei à conclusão de que a seleção era realizada de acordo com uma tipologia de espetáculos, mas também no sentido de fazer usufruto das parcerias criadas entre as instituições.

No entanto, após refletir acerca destas mesmas saídas, considero ainda que elas sejam vistas não apenas como momentos de lazer, estas constituem momentos de aprendizagem. Fazem com que determinadas pessoas, que em princípio não teriam oportunidades - independentemente do motivo - de assistir a uma peça ou um espetáculo, fomentem uma relação com os meios artísticos e desenvolvam práticas culturais. “As saídas culturais e as idas a espetáculos são bem planeadas e divulgadas, tornando-se numa mais valia na relação dos cidadãos com a arte e cultura.” (Entrevista sócio)

As minhas preocupações pelo desenvolvimento de uma ação educativa

Como já referi, inicialmente a ideia de estagiar na Nascente era voltada para o serviço educativo do CINANIMA. Como tal não foi possível, surgiu a oportunidade de participar na organização das saídas e passeios culturais, em consonância com o projeto “Outros Palcos”. A realidade é que gostaria de ter organizado algo mais concreto com essas saídas. Considero que o verdadeiro potencial de uma experiência artística é o que retiramos dela e estas saídas têm, no meu ponto de vista, potencialidades não só de lazer; podem constituir-se, antes, em verdadeiras experiências culturais. Porém, devido a diversos fatores, assim como a falta de disponibilidade de tempo dos participantes (dada a organização das suas vidas e os seus quotidianos de trabalho), não foi possível a organização de conversas pós-espetáculos.

Outra ideia seria a organização de uma exposição que retratasse a evolução da Nascente, mas acima de tudo a evolução de vida de pessoas que

fizeram parte e de alguma forma contribuíram para a Cooperativa, recriando a memória e o património da Nascente. No entanto, mais uma vez, devido a impossibilidade e constrangimentos que surgiram, tal não foi possível.

Considero que a minha passagem pela Nascente foi algo novo. Na realidade foi a primeira vez que a instituição acolheu um estágio de mestrado. Através do tempo que lá estive, ainda que tenha sido por um período de tempo pequeno, concluí que existe muito potencial a ser aproveitado, não esquecendo que é uma instituição com quarenta anos de existência, o que nos leva a pensar nas potencialidades desta e nas razões pelas quais atualmente ainda exerce um papel de reconhecimento na cidade. No entanto, como já referi em capítulos anteriores, considero crucial a existência de pelo menos mais um elemento na equipa, o qual tivesse oportunidade de realizar o trabalho de mediação que é necessário.

III. Problemática do Percorso Vivido

Democratização Cultural vs. Democracia Cultural

“Não raras vezes, democratização e democracia cultural surgem como sinónimos quando, na verdade, apresentam perspectivas díspares e, em certo sentido, até opostas, de política cultural.” (Lopes, 2007:79) Neste sentido, pretendo descodificar o que se entende por democratização cultural e democracia cultural.

Segundo a visão de João Teixeira Lopes, a democratização cultural assenta em seis pontos: *concepção descentendente da transmissão cultural; concepção paternalista da política cultural; concepção fortemente hierarquizada de cultura; concepção arbitrária do que é ou não é cultura; concepção essencialista das audiências* e por fim *concepção liquidatária do indivíduo*.

A primeira remete-nos para a transmissão de um património ou conhecimento cultural para as “mais anódinas e descentralizadas casas da cultura” (Lopes, 2007:80). Por concepção paternalista da política cultural, entendemos a ideia de os indivíduos se tornarem recetores desse mesmo conhecimento, ou seja, que “recolha” o conhecimento que é transmitido. De seguida, concepção fortemente hierarquizada de cultura, “surge como a única com valor patrimonial, fortemente distinta da alienação consumista da cultura de massas ou da falta de acumulação de poder simbólico da cultura popular, confinada a usos profanos e triviais.” (idem:80-81). Por outras palavras, o escasso ou fraco acesso a recursos culturais, assim como o domínio de algumas áreas culturais em detrimento de outras. A quarta dimensão, denominada “concepção arbitrária do que ou não é cultura”, recusa a mínima aceitação à heterogeneidade. A “concepção essencialista das audiências” procura “a integração social e societal através da mediação transcendental da Arte.” (idem:81). Por último, “concepção liquidatária do indivíduo” que “tem o poder de optar pela dissidência em vez da convergência, pelos sentidos múltiplos em vez do sentido único”. (idem, ibidem)

É na década de 1970 que a cultura assume um novo papel, ao invés de ser concebida como algo consumível, torna-se um ponto de intervenção e

participação. “Chega-se à conclusão de que a cultura não é apenas um bem de consumo mas também um espaço para que os cidadãos possam formar a sua própria cultura.” (idem: 82)

Por outro lado, a democracia cultural instala-se na instabilidade da democratização cultural. É nesta vertente que surge a animação sócio-cultural que se assume “como processo político, defendendo a democracia cultural enquanto *empowerment* por parte das populações (...) A acção cultural é doravante encarada de *baixo pra cima* e de *dentro para fora*, a partir das necessidades e aspirações das populações.” (idem:84). Esta medida faz com que os indivíduos se tornem “protagonistas activos” da sua narrativa. “A auto-consciência é um processo social indispensável para combater a dominação social e cultural, ambas íntima e finamente imbricadas.” (idem: 85). No entanto, esta política cultural contém limitações, tal e qual como a democratização cultural. Primeiramente “a tendência para o *populismo*” (ibidem), isto é, a transmissão da voz de um povo para somente um indivíduo, “os porta-vozes, como Bourdieu tantas vezes denunciou, transmutam, amíde, o seu discurso particular na proclamação universal da fala dos oprimidos.” (idem:86). A segunda limitação é a existência do “voluntarismo” (idem:87), que se refere a um desleixo. “Tudo o que há a fazer é colocar, sem mediações, a arte na rua, os artistas com o povo e este no meio de tudo.” (ibidem). Esta visão provoca a falta de entendimento, exclusão e ligação face à obra apresentada. “A economia deste conhecimento impede um compromisso de trabalho entre artistas e públicos. Não há, por assim dizer, um jogo a jogar, ignoram-se as mútuas expectativas e predominam as representações sociais assentes, por vezes, nos mais toscos estereótipos.” (idem: 90)

É possível fazer a ligação destas ideias com o meu contexto de estágio. Se por um lado é defendida a democratização cultural e a instituição é entendida como um meio de proliferação cultural, como é possível fazer distinção e até rejeição ao acesso a meios culturais menos reconhecidos socialmente? Ao invés de serem ouvidos, os sócios deixam que as suas decisões e as suas preferências sejam determinadas por outros, mesmo que o façam inconscientemente. E se assim acontece, como é possível a produção de conhecimento cultural? Ou até mesmo a criação de hábitos culturais? Estas questões surgem no sentido em que, se por um lado a seleção dos espetáculos

do Projeto “Outros Palcos” é realizada pelo diretor da instituição, por outro lado, as idas aos diversos espetáculos podem provocar no espetador um gosto pelas artes e pela cultura, independentemente do tema ou da instituição cultural em que se produza o espetáculo. Ou seja, a ideia que a Nascente promove é que os espectadores adquiram hábitos culturais, que por iniciativa própria se desloquem a algum lugar e desfrutem da diversidade de oferta cultural e artística que existe.

Democratização Cultural

No decorrer dos anos, podemos verificar que temos caminhado para uma democratização cultural, um conceito tão discutido hoje em dia e normalmente reduzido à ideia de livre acesso à cultura. Pretendo descodificar este conceito à luz de diversas concepções. Uma possível abordagem ao conceito define democratização cultural como o

“objectivo fundado no aumento e descentralização da oferta e na ampliação do número e perfil social dos praticantes culturais – tem constituído um importante desígnio, com maior ou menor destaque, nos programas políticos dos sucessivos governos constitucionais face à sua importância como factor de desenvolvimento, cidadania e coesão social.” (Gomes & Lourenço, 2009:11)

Segundo estes autores, mesmo existindo investimentos, estes não foram suficientes no incentivo à participação de populações menos familiarizadas com o campo da arte e da cultura. “Em muitas cidades e concelhos onde se realizaram importantes investimentos infraestruturais não existe ainda um retorno equilibrado relativamente à procura de bens e serviços aí gerados.” (idem, ibidem). Para além da questão de existir mais oferta do que procura, existem outros factores que determinam os públicos consumidores de práticas culturais, “é manifesta a selectividade social dos praticantes, associada a elevados níveis de qualificação escolar e profissional.” (idem:12).

Ainda que na sua génese a democratização cultural promova a abertura do mundo cultural a todos, se refletirmos no seu início deparamo-nos com uma

situação contraditória, pois embora se verifique uma abertura e reforma da possibilidade de experiências culturais, “alguns estudos evidenciam a permanência da discriminação social no acesso à cultura.” (idem, ibidem).

Quando refletimos acerca da democratização cultural, desde logo remetemos o nosso pensamento para alargamento, no entanto existem algumas conclusões a retirar desse mesmo princípio. As políticas que sustentam esta vertente não geram “automaticamente um alargamento social dos públicos.” (ibidem). Assim, surge a necessidade de esclarecer os objetivos inerentes a este domínio. A segunda conclusão a retirar é a diversidade das ferramentas cedidas e da forma como estas são apresentadas ao público. “As transformações no campo do audiovisual, multimédia e suportes digitais, alteraram drasticamente o conceito de “visita cultural” e a relação que os indivíduos estabelecem com os bens artísticos. O acesso virtual aos “lugares da cultura”, através de suportes tecnológicos, favorece a emergência de novas formas de recepção e mostra que o encontro com as obras de arte não está reservado a um tempo e a um espaço particulares.” (idem:14). Sendo assim, é necessário um novo olhar sobre as estratégias de intervenção cultural.

Relacionando com o contexto de estágio, podemos desde logo pensar num aspeto importante. Tendo em conta que se trata de uma Cooperativa, a “democratização cultural” que é propagada pela instituição trata-se na realidade de uma oferta aberta ao público em geral, mas principalmente à rede de sócios que constituem a Nascente, porque, se refletirmos, as atividades são abertas a todos, mas existem determinados privilégios que apenas os sócios têm direito, nomeadamente descontos, entre outros. O que não significa que seja algo negativo, porque de facto os sócios têm estas regalias devido ao pagamento de um número de quotas. No entanto, se refletirmos na ação da Nascente como promotora de divulgação e intervenção cultural, aliada ao desenvolvimento comunitário, considerando que uma grande parte da população espinhense não tem acesso às iniciativas, e que, por motivos monetários, não tem condições para associar-se à Cooperativa, a minha questão é: onde fica a promoção de acesso igualitário às oportunidades? Como formar novos públicos?

Considero pertinente referir que, para além dessas necessidades, as políticas nacionais têm delineado um rumo constituído por três trajetórias, sendo elas

“o incentivo à criação e requalificação de serviços educativos nos equipamentos culturais; (...) o estímulo ao desenvolvimento de actividades desta natureza junto de agentes culturais e artísticos através de legislação específica; (...) as tentativas de reequacionamento da aprendizagem e do contacto com as artes nas escolas do ensino regular.” (idem:14-15)

Relativamente à legislação assistimos a uma alteração. Anteriormente, o objetivo era dirigido à “vertente educativa das actividades artísticas e (...) a ligação ao meio escolar, fomentando o interesse das crianças e dos jovens pela cultura”, segundo no artigo 2º do Decreto-Lei nº272/2003, de 29 de Outubro.

Segundo o Decreto-Lei 196/2008,

“A sucessiva produção legislativa sobre a matéria do apoio à criação, à produção e à difusão das artes, na história recente do País, aconselha uma integração sintética e actual do regime jurídico de enquadramento. A necessidade de rever o regime vigente decorre da detecção de problemas que urge corrigir, nomeadamente a disparidade de acesso concursal entre as diversas artes, as dificuldades suscitadas, em termos de procedimento, pelo denominado «processo simplificado», as dificuldades decorrentes da fórmula fixada para definição de «região de menor índice de oferta cultural», a desconsideração das entidades que conjugam criação e programação e a consideração das áreas de edição, formação e equipamento a título meramente complementar.”

Verificou-se a necessidade de uma revisão ao modo de ação nas artes e cultura. Atualmente o panorama alterou-se. “O actual quadro legislativo que regulamenta os apoios do Estado ao sector da cultura [alterou-se] (...), prevendo um segmento de financiamento específico para as estruturas

artísticas “cuja actividade principal seja a formação em contexto não escolar.” (idem:16-18)

Nesse sentido, não podemos deixar de parte a educação artística, que se fundamenta “prioritariamente na promoção de uma maior proximidade com as artes através do encontro com as obras, com a sua força comunicacional, com o seu impacto estético e com contextos de criação” (idem:16-18). Olhando para a realidade da Nascente, é possível assinalar alguns projetos de natureza artística que pretendem o envolvimento de toda a comunidade. “Neste processo, desenvolvem-se habitualmente dinâmicas que visam a dessacralização da cultura, aproximando-a das populações e dos seus quotidianos.” (idem:16-20) Assim, é possível determinar alguns aspetos das políticas de democratização cultural que remetem ao próprio desenvolvimento local e intervenção social. A cultura assumiu um novo conceito, como um importante mecanismo económico, social, de comunicação e de cidadania.

Formação de públicos na Nascente

Podemos verificar que, consoante a conjuntura política vivida no momento, esta é a que caracteriza os programas de movimentos culturais e artísticos. É de acordo com a visão de cada líder e suas orientações que são declarados os movimentos que precedem a democratização cultural.

“Se até ao término dos anos 90 a importância conferida à construção e descentralização de equipamentos culturais – designadamente no que se refere à preservação do património arquitectónico e à criação de redes de equipamentos – é muito significativa, esta temática vai cedendo lugar a outras preocupações que, embora já presentes nos anteriores programas políticos, vão ganhando destaque – refiram-se, nomeadamente, as questões relativas ao alargamento social do acesso à cultura e ao aumento e qualificação de públicos.” (idem:26)

Assistimos assim a uma alteração na visão, abandonando a visão do desenvolvimento da atividade cultural em si ou das instituições, e alargando para novos horizontes, tendo em vista a formação do indivíduo enquanto

possuidor de bens culturais. Desta forma, origina-se uma nova temática que se prende com a formação de públicos. Desde 1980, aquando da criação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, começam a surgir financiamentos em bens e serviços culturais de forma a abranger todas as classes sociais. Um programa deste cariz resultou numa descentralização e inclusão cultural, que seria um dos aspetos pretendidos.

“Regista-se desde cedo uma preocupação com a promoção de uma maior proximidade entre as populações mais desfavorecidas e os diferentes bens e serviços da cultura. Esta preocupação manifesta-se, por um lado, no reconhecimento da selectividade social dos públicos da cultura e, por outro, no enunciado do tipo de acções a desenvolver, procurando uma intervenção adaptada às diferentes origens sociais da população.” (idem:31)

Assim são formados os primeiros passos na implementação de medidas de coesão e democratização cultural nos programas públicos em Portugal.

A partir de instituições como a Nascente, é possível difundir as especificidades da cultura entre a população, ainda que neste caso seja uma população que se baseie maioritariamente no universo de sócios. Assim, é possível afirmar que é possível o acesso à cultura por parte de grupos sociais considerados “mais desfavorecidos” ou com “menos conhecimento”.

“(…) É, portanto, necessário ter presente que o campo cultural faz parte do processo mais geral de transformação social e nele toma um papel activo. Investir na cultura e procurar democratizá-la cada vez mais, passa por promover e estimular o acesso dos diferentes estratos sociais às diferentes modalidades e programas culturais (eruditas, vanguardistas ou clássicas). Do mesmo modo que muitos produtos das culturas locais e “étnicas” são procurados e apropriados pelas classes médias e superiores, também as classes populares e trabalhadoras podem aceder aos produtos da chamada cultura erudita, desde que a sua disseminação os faça chegar junto desses sectores sociais. Esta deveria ser a abordagem a prosseguir pelos agentes institucionais a

quem compete promover a cultura e o desenvolvimento”. (Estanque, 2007:1-2)

A criação de novos públicos culturais e a qualificação de novas gerações é uma questão muito atual, em parte devido à democratização da cultura. Podemos assim afirmar que, a partir desta instituição, existe uma nascente de cultura na cidade de Espinho.

Utilizando as palavras de um sócio, quando questionado acerca da previsão do futuro da instituição: “Prevejo um futuro interessante se prosseguir a aposta na organização de eventos que se tornem partem da vida e do quotidiano de públicos diferenciados, cujos conhecimentos obtidos poderão ser de grande importância para o futuro.” (Entrevista sócio)

Refletindo mais uma vez no projeto “Outros Palcos”, interrogo-me como é que estão a ser formados públicos a partir dele. O que existe para além do espetáculo ao qual a pessoa assiste? Existe um trabalho nos bastidores? No curto espaço de tempo que estagiei na instituição, apenas em uma iniciativa existiu um momento desses. Antes de assistirmos a um espetáculo da Companhia Nacional de Bailado, a Nascente promoveu um momento (que foi realizado no Auditório) com dança contemporânea, bailarinas e professoras a explicarem no que consistia a dança contemporânea, através da teoria e da prática, seguindo-se um momento de tertúlia. Apenas nessa ocasião existiu um momento de abertura, não somente para a divulgação da ida ao espetáculo no Porto, mas sobretudo um momento de reflexão acerca da Dança Contemporânea, do Ballet, entre outras modalidades. Aquele momento fez com que as pessoas que estavam presentes nessa iniciativa, quando se deslocaram para assistir ao espetáculo da Companhia Nacional de Bailado, não se sentissem tão perdidas nos movimentos, na melodia e até nas piruetas. E é exatamente esse pormenor que falta neste projeto. O que falta é um seguimento da iniciativa, da ida ao espetáculo, ao teatro. Uma visita de alguém responsável da entidade que iremos visitar ou o dirigente de um espetáculo, uma galeria ou uma exposição de fotografias do passeio cultural que foi realizado e vivido, um convívio entre os participantes de determinada ação, entre muitas outras ideias. Existem inúmeras ideias que podem e devem ser valorizadas e que iriam contribuir para a formação de públicos.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissionalização das Ciências da Educação é um conjunto diversificado de possibilidades. Tendo em conta a diversidade do mundo da Educação, considero que existe um lugar na Arte e Cultura, em que os profissionais de Ciências da Educação têm oportunidade de investigar e intervir.

As instituições culturais têm uma dimensão educativa muito forte e podem e devem ser aproveitadas como ligação marcante na vida de um indivíduo e posteriormente na sua formação. Um dos aspetos que me intriga na consideração da ligação entre Arte – Educação – Cultura é o fato de cada um de nós, enquanto Seres Humanos, termos a oportunidade de sermos semeadores de novas ideias e práticas, assim como construtores e produtores de conhecimento.

A criação de novos públicos culturais e a qualificação de novas gerações é uma questão muito atual e pertinente. Devemos consolidar estes ideais. Por que não começar no nosso meio?

Como conclusão, gostaria de refletir em algumas propostas de conteúdo para a criação de uma proposta de ação educativa no contexto da Nascente.

Nesse sentido, e tendo por referência as considerações de Barriga (2007), primeiramente considero prioritário a tomada de decisões face ao contexto no qual a ação terá lugar; de seguida iria planificar um plano de longo e médio prazo, tornar coerentes os projetos, discutir e delinear métodos e estratégias, suscitar o envolvimento da equipa, facilitar a solicitação de financiamentos e, por fim, identificar grupos e comunidades de trabalho. À luz destes passos, parece-me viável a construção de uma rede de experiências, cujos saberes e práticas possam ser encarados enquanto processos de aprendizagem e de criação de novas ideias.

Sei que da teoria à prática o caminho ainda é longo. No entanto, considero que com esforço e dedicação tudo é possível.

V. Referências Bibliográficas

- Amado, João (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*.
Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Araújo, Carlos Xavier, Medina, Teresa (2013). “Serviços educativos na cultura: Que lugar para a educação? Uma experiência de estágio no serviço educativo do Centro Cultural Vila Flor”, in José Augusto Palhares e Almerindo Janela Afonso (org.), *O não-formal e o informal em educação: Centralidades e periferias. Atas do I colóquio internacional de ciências sociais da educação / III encontro de sociologia da educação (3 volumes)*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd), pp. 570-579
- Barriga, Sara (2007). Conceitos, metodologias e instrumentos de trabalho In Barriga, Sara & Silva, Susana Gomes (Coord.) (2007) *Serviços Educativos na Cultura*, (pp. 43-57) Porto: Setepés
- Camacho, Clara Frayão (2007). Serviços Educativos na Cultura: pontos de partida para uma reflexão, In Barriga, Sara & Silva, Susana Gomes (Coord.) (2007) *Serviços Educativos na Cultura*, (pp. 26-43) Porto: Setepés
- Canário, Rui (1999). *Educação de adultos e desenvolvimento local. Educação de adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa & Autor
- Eisner, E. Elliot (2008). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação. Currículo Sem Fronteiras, vol. 8, 2, pp. 5-17
- Estanque, Elísio (2007). *O povo, as elites e a democratização da cultura*.
Coimbra: Centro de Estudos Sociais da FEUC
- Gomes, Rui Telmo; Lourenço, Vanda (2009). *Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos “Serviços Educativos” em Portugal*.
Lisboa: Observatório das Actividades Culturais
- Lázár, Eszter (s/d). Education turn, in
<http://tranzit.org/curatorialdictionary/index.php/dictionary/educational-turn/>
- Liceranzu, Antonio José (2013). Tradición, transmisión y estrategias de producción en la educación artística contemporánea. Revista Educação, Sociedade & Culturas, nº40, 95-111

- Lopes, João Teixeira (2007). *Da democratização à democracia cultural. Uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público*. Porto: Profedições
- Martins, Artur (s/d). O movimento associativo popular e a democracia,
in http://www.25abril.org/a25abril/get_document.php?id=259
- Matos, Manuel (2004). Desenvolvimento e cidadania: Intervenção associativa e ação comunitária, in *Cadernos do ICE* 7, pp. 135-150
- Medina, Teresa, Caramelo, João, Cardoso, Carla (2013). Associações culturais e recreativas: Dimensões educativas e processos de formação”, ”,
in José Augusto Palhares e Almerindo Janela Afonso (org.), *O não-formal e o informal em educação: Centralidades e periferias. Atas do I colóquio internacional de ciências sociais da educação / III encontro de sociologia da educação (3 volumes)*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd), pp. 1141-1149
- Oliveira, Ana & Freire, Isabel (2009). Sobre... a mediação Sócio-Cultural.
In *Cadernos de Apoio à Formação*, 3
- Quintela, Pedro (2011). Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação no Serviço Educativo da Casa da Música, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 94, 63-85
- Silverman, David (2001). *Interpreting qualitative data: methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage Publications
- Vásquez. R. R., & Angulo, R. F. (2003). *Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica*. Málaga: Ediciones Aljibe

VI. Apêndices

Agradecemos a sua colaboração no preenchimento deste questionário destinado ao estudo acerca da Mediação e Formação de Públicos no CINANIMA, realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Os dados recolhidos são de natureza confidencial e anónima. Agradecemos que coloque este questionário na caixa de eleição do melhor filme atribuído pelo público. Muito obrigado.

I. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Idade: ____

Sexo: Feminino ____ Masculino ____

Vive em Espinho? Sim ☐ Não ☐

Naturalidade: _____

Habilitações Académicas: _____

Profissão: _____

II. NASCENTE – COOPERATIVA DE AÇÃO CULTURAL

É sócio/a da Nascente?

Sim ☐ Não ☐

Frequenta atividades da Nascente?

Sim ☐ Não ☐

**Do que conhece, como avalia o interesse que têm para si as atividades da Nascente?
(avalia de 1 a 3, considerando 1 nenhum interesse, 2 algum interesse e 3 muito interesse):**

Se considera as atividades da Nascente pouco ou nada interessantes para si, indique por favor que tipo de iniciativas mais lhe agradariam: _____

III. FESTIVAL

É a primeira vez que participa no CINANIMA?

Sim ☐ Não ☐

A sua presença do Festival é frequente?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, desde quando (primeira edição, últimos anos, edições mais recentes, etc...)?

De que forma tomou conhecimento do Festival?

Meios de comunicação ☐

Redes sociais ☐

Indicação por conhecidos ☐

Publicidade ☐

Outro ☐ _____

Quais os motivos pelos quais o Festival é um interesse para si?

Visualização de filmes ☐

Competição ☐

Interesse na arte cinematográfica ☐

Workshops, Masterclass ☐

Outro ☐ _____

Frequenta atividades paralelas às sessões (ex: workshop, masterclass...)?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais? _____

Que tipo de cinema de animação mais lhe agrada?

Comercial ☐

Autoral/independente ☐

Outro ☐ _____

Em relação às diversas técnicas utilizadas, qual/quais a/as que mais aprecia?

Marionetas ☐

Plasticina ☐

Desenho tradicional ☐

Computador ☐

Animação com objetos ☐

Outro ☐ _____

IV. ATIVIDADES CULTURAIS

Frequenta atividades culturais fora dos grandes centros urbanos?

Sim ☐ Não ☐

V. SUGESTÕES

Este espaço dedica-se a possíveis recomendações e/ou propostas com vista ao melhoramento ou desenvolvimento do Festival CINANIMA, para futuras edições.

ENTREVISTA ANTÓNIO SANTOS (DIRETOR)

M: Bom dia professor! Desde já agradeço o seu tempo disponibilizado. Começemos pelo principal... O aniversário da Nascente, 40 anos, muita história, não é?

D: São 40 anos da Nascente, contar todos estes anos de história não é algo assim tão simples. É uma história antiga e muito interessante. O que vale a pena salientar, já numa fase em que já estava por cá, os 40 anos foram devidamente assinalados este ano, de forma a festejar uma atividade de quatro décadas, através de uma programação variada, onde participou imensa gente. Queríamos salientar duas coisas muito importantes nos festejos: muita gente que participou nestes quarenta anos, como sabe é uma cooperativa de voluntários, com poucos profissionais, três ou quatro, e por outro lado trabalhamos através do interesse das pessoas do concelho e outras naturalmente. Esta história de quarenta anos é muito isso, é muito uma dedicação ao serviço público.

M: De uma envolvimento comunitária?

D: Sim isso. E é uma dedicação por duas vias que são completamente essenciais que é a oportunidade para as pessoas fazerem (que isso é essencial), conversa, teoria, ler livros, discutir, é interessante, mas fazer, construir, ter uma ideia e pô-la em prática, isso é o que faz do humano ser outra coisa. Ideias temos todos, discutimos sobre muitas coisas como futebol. Mas as pessoas que discutem vão para o campo jogar e marcar golos? Não vão, não é? O que nós queremos aqui é que as pessoas não só participem, como tentem fazer, tentem superar-se. É o nosso desígnio mais importante e mais difícil. Mas de facto estes quarenta anos foram muito resultado disso. Estes quarenta anos são prova disso, de muitas pessoas que tentaram superar-se através disso, evoluir pessoalmente, profissionalmente, socialmente... 40 anos passados, há de facto uma história, existe um contributo decisivo do “eu” a nível da promoção cultural e social no concelho de Espinho e isso foi devidamente assinalado durante estes meses. A grandiosa aderência às diversas atividades mostra claramente a presença e abertura que a Nascente tem. Não é nada fácil, se acontece, uma coletividade local juntar quatrocentas e tal pessoas a festejar o aniversário dessa coletividade.

M: Isso também pode ser pela Nascente ter tido e continuar a ter um impacto muito grande na cidade de Espinho?

D: Sim, pois com certeza. É o resultado disso e 40 anos não são em vão, quer dizer, mesmo pessoas que não estejam próximas nem que não acompanhem muito, vão conhecendo e sabem que existe. Mas de facto o impacto é visível e nos últimos anos tem sido muitíssimo visível. Aliás, a propósito deste aniversário, a Cooperativa Nascente foi agraciada pela Câmara de Espinho com um reconhecimento público no dia da cidade, onde estava presente até o Presidente da República que dirigiu palavras simpáticas à Cooperativa.

M: Relativamente às áreas de ação da Cooperativa, é sabido que existe uma diversidade muito grande...

D: A Nascente tem quatro/cinco áreas de atuação, que são conhecidas. Algumas já vêm de há 40 anos, como o Jornal Maré Viva, o CINANIMA, o Teatro Popular de Espinho. Depois existem mais duas ou três áreas que são mais recentes, que procuramos dinamizar, como é exemplo o AnimArtes, que é uma área muito voltada para a procura de atividades lúdicas, formativas, de ocupação de tempos livres do ponto de vista físico, mental, queremos montar junto das pessoas momentos de distração das suas rotinas, através da dança, do teatro, do yoga, da cerâmica, do canto, são tudo atividades que promovemos nessa área e que criamos há cerca de três anos. E depois temos uma ou duas áreas que privilegiamos e que se direccionam para preocupações específicas, que é o Projeto “Outros Palcos”, que procura levar pessoas a assistir a espetáculos fora de Espinho e dinamizar o seu interesse e a sua procura pessoal pelo acesso a iniciativas culturais, espetáculos e outras. Aliás, a Mariline colaborou no seu estágio na organização de alguns desses eventos. Temos ainda outra área, que designamos por “Fórum Nascente”, que é uma área voltada mais para o debate e reflexão sobre assuntos diversificados, que pretendemos promover mas não é fácil. Mas o fórum cultural pretende ser uma plataforma de encontro e reflexão. E depois temos a nossa programação mensal, que é o resultado disto tudo, é o que propomos que as pessoas adiram. Nós este mês tivemos aulas de teatro, um workshop para crianças de teatro e expressão dramática, tínhamos vinte vagas, mas tivemos quarenta e cinco inscrições, além disso, programas uma saída ao Rivoli para assistir a um espetáculo. Procuramos ter uma programação variada, no sentido das pessoas

poderem aceder às atividades da própria Cooperativa de vária ordem. Nós temos para os nossos associados uma vantagem, pois o cartão de Sócio Nascente proporciona um conjunto de descontos significativos em salas de espetáculo na zona da Feira e Porto. São cerca de dez salas, bem conceituadas, como é o caso do São João no Porto, o Cine-Teatro António Lamoso na Feira, assim como em algumas livrarias. Mesmo no sentido do “Outros Palcos”, a pessoa assiste a um espetáculo e depois pode regressar com o seu cartão. O que faz...

M: Que as pessoas criem esses hábitos?

D: Sim, criem esses hábitos e sejam um bocadinho criteriosas, que é também o nosso objetivo, não é apenas levar as pessoas, mas formar públicos. Criar públicos interessados, críticos, que nos desafiem até a nós próprios no sentido de conseguirmos fazer melhor, conseguir chegar a objetivos mais diferenciados.

M: A própria questão da formação também vai muito de encontro ao próprio trabalho educativo que a Nascente impulsiona?

D: Sim, claro que sim. Os públicos é um tema muito complicado para nós. É um tema que sugere muito debate, muita análise e muita dificuldade em perceber. Hoje há tanta oferta, há tanta relatividade de gostos e inúmeras possibilidades, e as pessoas não estavam à espera nomeadamente que a Nascente lhes diga que é a grande oportunidade das suas vidas e nós temos alguma dificuldade. Vivemos também em um meio pequeno, uma cidade à beira-mar sim, mas pequena, com meios escassos para trazer grandes produções e companhias. Mas enfim, temos o nosso público, conforme as iniciativas, mas essa é uma área para nós sempre em aberto: constituição de um público e a formação de pessoas críticas que também nos desafiem para levarmos a cabo as atividades que acharem interessantes. Pretendemos que as pessoas deixem de ser espetadores, que deixem de ser apenas aproveitadores do que o que os outros fazem, mas que se transformem também em agentes. Esse é um passo decisivo. Aliás, como sabe, nós temos recursos muito escassos, sobretudo recursos-chave, embora o problema financeiro esteja presente, vamo-nos aguentado, o nosso problema é sobretudo pessoas. Precisamos de mais pessoas, criativas, ativas, que queriam pôr-se à prova e pôr os outros à prova também. É claro que nas atividades que referi acima, existem pessoas que

fazem e organizam isso, existem umas dezenas de pessoas que colaboram regularmente, mas se estas fossem multiplicadas por dois as condições de trabalho seriam muito melhores, aí até o dinheiro não seria visto como problema da forma que é. As parcerias que nós temos são mais ou menos a nível local tirando o CINANIMA que extravasa mais as práticas da Nascente, a nível local temos as institucionais mais evidentes, desde autarquia e com diversas entidades locais, como associações. São parcerias mais de princípio do que prática real. Disto tudo, recorre uma relação com a comunidade, uma relação aberta, com as suas dificuldades normais, mas, sobretudo uma relação de serviço que prestamos de alguma qualidade. E penso que a comunidade também retribui, através de reconhecimento. Nos últimos anos, a Nascente tem passado por um processo de revitalidade local e por isso considero que a relação, comunicação e proximidade é bastante razoável. A comunidade espinhense também não é muito dinâmica, ativa ou disponível para inovação. Considero que seja uma comunidade acomodada e por isso nós também sofremos um pouco com essa ausência. As comunidades não podem ser comunidades passivas, meramente parasitárias do trabalho dos outros. Não digo que seja o caso da comunidade espinhense, existem muitos casos aqui que há atividade, julgo é que pode haver uma dificuldade no conhecimento das coisas, na proximidade das pessoas e da capacidade de organizar em conjunto.

M: Essa relação, que é necessária, promove uma mediação entre a Nascente e os públicos que provêm desta?

D: É difícil abordar essa questão, eu próprio tenho questionado, tentado promover algum debate. Mas eu diria que nós procuramos fazer duas coisas: ter ideias/propostas que possam ser interessantes e que vão ao encontro de promover a expectativa e o desejo das pessoas ou públicos e divulgar isso. Pretendemos identificar através das inúmeras atividades, públicos mais regulares. Mas existe muito trabalho a fazer e não o fazemos de forma sistemática e organizada, na nossa primeira reunião foi um dos aspetos que assinalai da sua presença que foi o auxílio que nos daria nesse sentido. A falta de informação empírica é uma grande falha da nossa parte. Uma cooperativa cultural sem isso não faz sentido. Isto não é uma cooperativa de espetáculos, é

uma cooperativa de ação cultural, o que implica que as pessoas construam elas próprias a atividade.

M: Nesse sentido da mediação e formação de públicos, relativamente ao contexto dos serviços educativos, considera que se tivesse um profissional da área esse próprio trabalho não seria mais pertinente e melhor desenvolvido?

D: Sim, nós gostaríamos de ter mais profissionais.

M: Porque no próprio CINANIMA que é uma vertente da Nascente existe um Serviço Educativo, enquanto a Nascente não dispõe de um formalmente constituído.

D: A nível formal o CINANIMA é o único que o tem. A nível da Nascente não há de facto algo a que possamos chamar de Serviço Educativo, mas todo o nosso trabalho procura ser muito educativo. Não temos formalmente essa possibilidade, isso implicaria a hipótese de termos alguém a trabalhar connosco profissionalmente. Nas outras áreas existe também essa necessidade, de pessoas com formação. Não é essa a origem da Nascente, durante a primeira metade funcionou 100% a registo voluntário, amador. Funcionou em um sistema de amadorismo, mas forte. Foi um verdadeiro cometa cultural no meio local. Também porque surgiu no contexto do 25 de Abril e a Nascente fez uma diferença absolutamente estrondosa no meio local. Mas não temos nada contra profissionalizar algumas áreas, deviam haver profissionais paralelamente a voluntários. Mas as condições não o permitem. Agora seriam imensos benefícios como para um serviço educativo. Necessitamos obviamente de um mediador cultural, não temos ninguém com essa formação específica. Mas é um objectivo nosso. Mas considero que o nosso trabalho tem uma componente educativa e diria que no passado já fora mais forte do que hoje. Até porque hoje em dia as pessoas têm opções de formação muito variadas. No início não haviam formações tão específicas como hoje, não haviam simplesmente jovens aqui com uma formação em públicos e cultura. Nós evoluíamos fazendo, queríamos fazer, simplesmente fazíamos. Hoje em dia temos a noção de que para evoluirmos precisamos de pessoas.

M: Relativamente ao ambiente de trabalho aqui na Nascente, como considera ser?

D: São umas condições físicas suficientes, com dois espaços, ainda que sejam edifícios antigos. Não foram construídos de raiz, mas sim adaptados. São

espaços ambivalentes, de atividade prática. Cedemos muitas vezes os nossos espaços. Nós temos um outro projeto, que acontece no nosso auditório – “Conviver” – que se destina ao trabalho de animação com os idosos institucionalizados ou não. Para além dos nossos espaços, recorremos a outros, por exemplo, o CINANIMA vai decorrer em cinco espaços da cidade.

M: E a nível de relações interpessoais? E de poder?

D: Há aqui um tipo de relações curioso e diferente de outros contextos, na medida em que a Nascente vive de um grupo numeroso de voluntários e tem alguns profissionais. Portanto, é uma lógica de articulação de trabalho que é diferente. Penso que isto é uma instituição bastante horizontal, no sentido de uma dinâmica de maior relacionamento das pessoas, de proximidade, embora seja preciso perceber as diferentes responsabilidades dos setores em que se encontram. Mesmo em registo voluntário, alguns deles sejam ou se tornem profissionais, na medida em que o tempo de trabalho, o esforço e o empenho que dão à Cooperativa, só não são profissionais porque não recebem. Aqui esperamos que qualquer pessoa que esteja dentro da Nascente esteja disponível, psicologicamente, para fazer tudo o que seja preciso, por exemplo, carregar e descarregar objetos, como fez ainda ontem o Vice-Presidente da Direção.

M: Por fim, quais são os ideais e a missão da Nascente?

D: À luz dos Estatutos é fácil, agora tem a ver com aquilo que as pessoas fazem e desejam fazer. Os Estatutos dizem que a missão da Nascente é promoção da ação cultural da população, no entanto estamos a introduzir agora numa revisão que estamos a fazer agora, vamos acrescentar: promoção cultural, social e cívica da comunidade. Esse é o nosso molde, contribuir para a promoção de um bem-estar alargado das pessoas na sua comunidade e no mundo em que vivem, do que apenas a nossa janelinha local. A Nascente deve ser uma janela para o mundo, se nós conseguirmos introduzir alguma noção de justiça e bem-estar neste mundo, já seria uma tarefa interessante. E culturalmente pode e deve ser feito.

M: Agradeço pela sua disponibilidade!

ENTREVISTA FUNCIONÁRIA

M: Desde já agradeço pela sua disponibilidade, sabe que estrei a gravar esta entrevista. Podemos começar por me relatar um dia de trabalho na Cooperativa?

F: Começamos de manhã às 9:30, normalmente planeamos o que vamos fazer durante o dia. Um dia de trabalho passa pelo atendimento telefónico, atendimento de pessoas que vêm lá que querem pagar cotas, que querem colocar anúncios no Jornal Maré Viva. Envolve várias coisas desde atividades do AnimArtes a pedidos de informação sobre cursos ou workshops que estejamos a promover, quer sobre o CINANIMA. Tratar da programação do CINANIMA envolve uma programação ao longo do ano, é necessário um produção quase semanal porque é um festival muito abrangente. E todos os dias trabalhamos um pouco nisso com vista atingir os objetivos que são propostos.

M: Tendo em conta que trabalha diretamente com o CINANIMA, considera que é uma espécie de motor da Nascente, certo?

F: Sim, para mim isso é muito claro, porque embora a Nascente tenha outras atividades, o CINANIMA é apenas uma das secções da Nascente é, no entanto, a secção com mais visibilidade quer local, quer nacional, quer internacional. E isso confirma-se com o número de espectadores que nós temos e conseguimos atingir, que é um festival organizado por uma associação cultural pequena, com pouco fundos mas que consegue chegar longe. É um dos melhores festivais de cinema de animação do mundo e isso enche-nos de orgulho claro. E se calhar por isso pode ser o motor sim, mas não retiro o mérito às outras atividades claro.

M: Como é trabalhar com o público?

F: Todo o trabalho na Nascente é virado para a captação de públicos, para a criação de novos públicos, através de todas as atividades.

M: Qual é o seu ponto de vista em relação às relações que são estabelecidas entre a Nascente e os públicos?

F: Existe um núcleo de sócios que claramente procura um tipo de atividades como as idas aos espetáculos, embora sejam quase sempre os mesmos e não e interessam tanto com outras atividades que a Nascente tem. Existem

outros tipos de sócios que apenas o é porque faz parte dos cursos do AnimArtes, devido aos descontos também, mas não tem muita relação muito afetiva com a Nascente. E depois existem aqueles mais antigos que estiveram na génese da Nascente e que investem o tempo deles na Nascente e em praticamente todas as atividades organizadas. Mas não existe um padrão fixo, é variável consoante as áreas de interesse de cada um.

M: Muito obrigada pelo tempo disponibilizado!

ENTREVISTA AO SÓCIO

M: Bom dia! Desde já agradeço pela sua disponibilidade!

S: Não tem de agradecer! É um prazer poder participar. Diga lá então menina.

M: Primeiro, gostaria de saber qual é a sua opinião em relação à área de atuação da Nascente que tem adquirido mais visão? E porquê?

S: O CINANINA sem dúvida! Este ano em que completa 40 anos continua a ter um lugar de destaque tanto na divulgação do cinema de animação nacional e internacional como na vertente educativa com a execução de workshops em todas as Escolas Básicas do Concelho permitindo assim sensibilizar as crianças e os jovens para a animação de qualidade.

M: Tendo em conta o seu ponto de vista enquanto sócio, e praticante de uma das modalidades do AnimArtes, como caracteriza a relação da Nascente para com os sócios ou o público?

S: Existe uma relação de proximidade, até através dos eventos que ocorrem durante o ano. Proporcionam aos sócios e público em geral momentos de prazer, conhecimento e lazer. Através do Animartes, do Jornal Maré Viva e do CINANIMA...

M: Qual a visão que tem relativamente às saídas culturais e idas a espetáculos organizadas pela Nascente?

S: As saídas culturais e as idas a espetáculos são bem planeadas e divulgadas, tornando-se numa mais valia na relação dos cidadãos com a arte e cultura.

M: Uma última questão, como prevê o futuro da Nascente?

S: Prevejo um futuro interessante se prosseguir a aposta na organização de eventos que se tornem partem da vida e do quotidiano de públicos diferenciados, cujos conhecimentos obtidos poderão ser de grande importância para o futuro.

VII .Anexos

Cooperativa Nascente: crescer na diversidade

A Cooperativa Nascente é uma associação cultural de Espinho com 38 anos de existência e que tem desenvolvido uma intensa atividade ao longo da sua existência. Especialmente conhecida por ser a responsável pelo Festival de Cinema de Animação - Cinanima, nascido aliás a partir do Cineclube Nascente, mantém também em atividade permanente um jornal semanal - Maré Viva -, um grupo de teatro amador – Teatro Popular de Espinho - e um centro de atividades e expressões culturais e artísticas para diversos públicos, o AnimArtes.

Ao longo da sua existência, a Nascente realizou as mais diversas intervenções culturais e cívicas, em áreas tão variadas como a educação para adultos, o cinema, a promoção da leitura, a animação musical e teatral, a intervenção artística, o trabalho com crianças, a fotografia. Para toda esta atividade, foi e continua a ser essencial a participação ativa de muitos e muitos voluntários, jovens e menos jovens, o que permite afirmar que a Cooperativa tem desenvolvido um papel social relevante, assumindo-se como espaço informal de formação, uma verdadeira escola cívica e cultural para gerações. Por isso mesmo, tem merecido a adesão de um número significativo de associados, que neste momento ultrapassam os 500.

Além desta atividade organizada em secções específicas e com existência regular, a Nascente responde ainda por um conjunto variado de iniciativas e eventos culturais mais diversificados, com destaque para recitais de música popular, passeios culturais, comemorações de diversas efemérides, deslocações a espetáculos, poesia, arte, etc. Está agora em constituição uma nova área de intervenção, mais voltada para a formação e a reflexão em torno de temas da atualidade, e cuja primeira iniciativa é a organização de um ciclo de tertúlias subordinadas ao tema genérico “Futuros (im)possíveis”.

Para toda esta atividade, a Cooperativa Nascente dispõe de dois espaços de trabalho, o edifício sede e um pequeno auditório/sala de espetáculos, além de recorrer a espaços públicos existentes em Espinho.

No Plano de Atividades para 2015, aprovado em Assembleia Geral de sócios em dezembro passado, merecem destaque quatro projetos de intervenção em áreas específicas: o Projeto “ComViver”, direcionado para a ação social e cultural junto de públicos mais idosos (Espinho é um dos concelhos com população mais envelhecida), o Projeto “Estórias de Espinho”, centrado na história local, o Projeto “Pintar em Espinho”, que pretende ser um encontro nacional de pintura ao ar livre, e o Projeto “O

teatro na cidade”, para maior difusão da arte dramática junto da população local.

Quanto ao programa das atividades públicas a concretizar no decurso do mês de fevereiro, inclui duas apresentações públicas do Teatro Popular de Espinho com um texto do escritor espinhense José Marmelo e Silva, um Baile de Máscaras para associados e outros, o início do ciclo de tertúlias “Futuros (im)possíveis, o início de um Curso Livre em 10 sessões sobre história de Espinho e o retomar das atividades exteriores do Cinanima, com uma exposição sobre a edição de 2014 e uma sessão de filmes portugueses comentada.

Entre os objetivos a prazo da Cooperativa estão a criação de um site para divulgação cultural, a maior diversificação de atividades para diferentes públicos e o melhoramento das suas instalações, o que passa muito pela sustentabilidade económica, a garantir através do aumento das receitas próprias e da captação de apoios mais significativos junto de entidades privadas. Para o exercício deste ano, o orçamento global da Cooperativa Nascente aproxima-se dos 200 mil euros.